



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O Pecado, a Morte e a Salvação, em Vidas de Santos
(Península Ibérica, século XIV)**

SONIA MARIA DE SOUSA NETO

Monografia de Graduação
Brasília, dezembro de 2018

SONIA MARIA DE SOUSA NETO

**O Pecado, a Morte e a Salvação, em Vidas de Santos
(Península Ibérica, século XIV)**

Monografia apresentada ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade de Brasília, para a obtenção de grau de bacharel em História, sob a orientação da Prof. ^a Dra. Maria Filomena Pinto da Costa Coelho.

Brasília

2018

“O anjo caiu, a alma do homem caiu, revelando assim as profundas trevas em que teria caído o abismo que continha todas as criaturas espirituais, se não tivesses dito desde o começo: “Faça-se a luz!” – Se a luz não se tivesse feito, se todas as inteligências de tua cidade celeste não se tivessem unido na obediência a ti, se não tivessem repousado em teu Espírito que paira, imutável, sobre os seres transitórios. De outro modo, até o céu do céu não seria mais que abismo de trevas, enquanto que agora é luz no Senhor”.

(Santo Agostinho, Confissões)

Dedico este trabalho ao meu esposo, Brasival, aos meus filhos, Thiago e Ariel, à minha nora Priscila e aos meus netos, Pedro e Heitor. Dedico ainda aos meus pais, Maria do Socorro e José (*in memoriam*) e aos meus irmãos, Ariovaldo (*in memoriam*), Solange e Luciana. Vocês são parte de minha história e de minhas melhores memórias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus. Tudo o que sou, tudo que aprendo a ser, devo a Ele. A Deus, a honra e a glória!

Agradeço à minha família, a quem dediquei este trabalho. Agradeço por todas as orações, incentivos, torcidas, palavras, críticas construtivas, exemplos, paciência, resumindo tudo, por todo amor a mim dedicado. E pela companhia, cafezinhos e água gelada, viu, Brasival? Agradeço aos demais familiares e aos amigos, presentes na minha ausência, e a quem devo pedido de desculpas, mais uma vez. Agradeço aos que me olharam com espanto, desde o começo desta jornada universitária na UnB, para cursar, já no segundo tempo da vida, o meu sonho de juventude: HISTÓRIA! O susto de muitos, no início, serviu de incentivo para perseverar no sonho e mostrar que, sim, era possível, eu ia conseguir!

Agradeço à Universidade de Brasília, a todos, trabalhadores terceirizados, estagiários, funcionários, professores. Agradeço à Biblioteca Central (BCE), Seção de Obras Raras, na pessoa do gentil bibliotecário Raphael Greenhalgh, pela disponibilização do arquivo on-line do Manuscrito 01/BCE/OBR. De modo especial, agradeço aos que foram meus professores nesses anos todos; foi maravilhoso conviver e aprender com pessoas tão competentes. Como seriam muitos a destacar, não vou me atrever a cometer injustiças, nomeando apenas alguns. O agradecimento especial vai para minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Coelho, pela sua atenção, dedicação, paciência, generosidade, partilha de conhecimentos e extrema competência. Obrigada, Filomena, por sua contribuição e engrandecimento deste trabalho!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – O PECADO.....	14
1.1 <i>Aquisse segue hũũ exemplo que foy trasladado de Grego enladinho per Paayo, clerigo dauangelho da sancta Eigreja de Roma.....</i>	<i>15</i>
1.1.1 <i>Análise.....</i>	<i>16</i>
1.2 <i>Aquisse segue outro miragre deste sancto homen.....</i>	<i>17</i>
1.2.1 <i>Análise.....</i>	<i>18</i>
1.3 <i>Aquisse segue outro exemplo per que se da aentender que se os pecadores quando pecado fazem entendessem que deus que os uee assi come verdade. Leyxariam de pecar et fariam peendencia.....</i>	<i>19</i>
1.3.1 <i>Análise.....</i>	<i>20</i>
1.4 <i>Aquisse seguem humas sanctas parauoas que deziam os monges antressi. per que homen pode entender que non deue aperlongar de dia em dia sa peendencia et que se deue cada dia nembrar do bem et do mal que naquel dia fez.....</i>	<i>21</i>
1.4.1 <i>Análise.....</i>	<i>22</i>
1.5 <i>Aquisse segue huma vison per que aparece amanyra en como oenmygo tira os homens que estan enpeendencia ao estado do mundo. et per que maneyra de pois volem afazer peendencia.....</i>	<i>22</i>
1.5.1 <i>Análise.....</i>	<i>25</i>
1.6 <i>Retomando o conceito de pecado.....</i>	<i>26</i>
CAPÍTULO 2 – A MORTE.....	29
2.1 <i>Sem título, sobre san Panuço. Morte de um homem bom.....</i>	<i>30</i>
2.1.1 <i>Análise.....</i>	<i>30</i>
2.2 <i>Miragre da morte de sam Symhom.....</i>	<i>31</i>
2.2.1 <i>Análise.....</i>	<i>32</i>
2.3 <i>Aquisse começa a vida et amorte doutro monge que ouue enhuum moesteiro que dezieam Caulimana que et naprouincia de Lusitanea acabo da cidade de meryida.....</i>	<i>33</i>
2.3.1 <i>Análise.....</i>	<i>35</i>
2.4 <i>Aquisse começa a vida et morte duum sancto abade que ouue nome Nauto.....</i>	<i>36</i>
2.4.1 <i>Análise.....</i>	<i>37</i>
2.5 <i>Da morte de samMilian et dos miragres que fez Deus depos sa morte.....</i>	<i>39</i>
2.5.1 <i>Análise.....</i>	<i>39</i>
2.6 <i>Retomando o conceito de morte.....</i>	<i>41</i>
CAPÍTULO 3 – A SALVAÇÃO.....	45
3.1 <i>Aquisse começa en como aqueste bispo passou daqueste mundo et foyssse ao parayso.....</i>	<i>45</i>
3.1.1 <i>Análise.....</i>	<i>47</i>
3.2 <i>Per este Exemplo que vem adeante pode homen entender que per propoymento firme de fazer bem pode homem seer saluo.....</i>	<i>48</i>
3.2.1 <i>Análise.....</i>	<i>49</i>
3.3 <i>Aquisse segue huum exemplo que contavam os padres sanctos que eram no Egipto antre ssi per que homem pode entender que enqual estado Deus achar o homem na ora da morte, ental o julgara.....</i>	<i>50</i>

3.3.1	Análise.....	51
3.4	<i>Aquisse segue hum exemplo per que homen pode entender que o boom propoymento et firme pera servir Deus ual muyto pera sse saluar homen.....</i>	52
3.4.1	Análise.....	52
3.5	<i>Aquisse começam humas poucas de palavoas que ouuyo dizer san Valerio a san Donadeu pera fazelo certo do galardon dos boons et do galardon dos maaos que no outro mundo dam a cada hum deles.....</i>	54
3.5.1	Análise.....	55
3.6.	Retomando o conceito de Salvação.....	56
CONCLUSÃO.....		60
REFERÊNCIAS.....		64
DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE.....		67

RESUMO

Pecado, morte e salvação foram objeto de preocupação de grandes pensadores do cristianismo, inclusive sob a perspectiva teológica fundamental, pastoral, moral, litúrgica. Na baixa Idade Média, os eclesiásticos falam insistentemente na necessidade de se estar preparado, não para a morte, mas para a vida após a morte, a vida eterna. Difunde-se o temor de viver e morrer no pecado, sem poder entrar no Paraíso ou, o de se encontrar em uma condição infinitamente pior, no Inferno, sob o domínio de Satanás, o pior dos senhores. Mas, no que consistia esse pecado que impediria os homens de alcançarem a vida eterna? Ou, o que pensavam ser o impedimento? As questões estavam claras? O conceito estava claramente definido? O que mais angustiava nesse tempo de espera, chamado vida, entre o nascimento e a morte? O que se entendia como salvação e vida eterna? Procuraremos responder a essas questões, com base no Manuscrito 01 da Biblioteca da Universidade de Brasília, uma coleção de Vidas de Santos, escrita em português arcaico, no séc. XIV. Embora entendamos que pecado, morte e salvação estão interconectados, conseguimos perceber que há narrativas onde cada um deles assume maior protagonismo e, basicamente, tentamos sistematizar as informações oferecidas seguindo a lógica do próprio texto, uma vez que nosso objetivo é tentar entender como esses relatos edificantes circunscrevem (conceituam) cada um dos termos.

Palavras-chave: Pecado; morte; salvação; Vidas de Santos; Manuscrito 01 BCE-UnB.

INTRODUÇÃO

Sempre nos inquietou, nos estudos de história medieval, a forma como as mulheres e os homens lidavam com as questões religiosas, como esses habitantes de um mundo cristianizado agiam, se manifestavam, se preocupavam, com questões tais como o significado do pecado, a certeza da morte e o desejo de salvação, que constituem o cerne do Cristianismo. Caminhando para o final do curso de Bacharelado em História, encontramos-nos na fase de elaborar um Trabalho de Conclusão de Curso, e foi o momento de escolher, dentre infinitas possibilidades, um problema de História que tivesse uma resposta viável, dentro das limitações de tempo de que dispúnhamos. Resolvemos enfrentar, então, esse tripé fundamental para o cristianismo, embora sabendo que se trataria de um exercício inicial de uma pesquisa que requer um fôlego maior.

Quando nos referimos a um mundo cristianizado, entendemos que se trata de um espaço geográfico que recebeu a Boa Nova (Evangelho) de Jesus Cristo, principalmente de forma oral, por meio das pregações. As ideias sobre um homem originalmente pecador, herdeiro do pecado de Adão, mas que poderia ser salvo da morte eterna por meio do homem-Jesus Cristo, morto e ressuscitado, foram sendo transmitidas de geração em geração e se espalharam por várias partes, incluindo a Península Ibérica. Paulo¹, com suas viagens e seus escritos, ajudou a formular e a propagar essas ideias.

Na baixa Idade Média, os eclesiásticos falam insistentemente na necessidade de se estar preparado, não para a morte, mas, para a vida após a morte, a vida eterna. Difunde-se o temor de viver e morrer no pecado, sem poder entrar no Paraíso ou, o de se encontrar em uma condição infinitamente pior, no Inferno, sob o domínio de Satanás, o pior dos senhores.

Mas, no que consistia esse pecado que impediria os homens de alcançarem a vida eterna? Ou, o que pensavam ser o impedimento? As questões estavam claras? O conceito estava claramente definido? O que mais angustiava nesse tempo de espera, chamado vida, entre o nascimento e a morte? O que se entendia como salvação e vida eterna?

A partir desses questionamentos e problemas, iniciou-se a busca por uma fonte documental que permitisse respondê-los, mas de uma forma que não se limitasse à doutrina mais intelectualizada. Nesse sentido, pensamos que uma das tipologias

¹ De acordo com FABRIS, Rinaldo. *Paulo, Apóstolo dos Gentios*. Tradução Euclides Martins Balancim. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

documentais que possibilitam o estudo dos problemas propostos é a hagiografia². As Vidas dos Santos permitem conhecer modelos cristãos de comportamento considerados exemplares, mas quase sempre tensionados pelo cotidiano terreno, o que os torna fontes complexas que fornecem aos historiadores informações importantes.

O historiador medievalista André Miatello, discorrendo sobre o conceito de Hagiografia³, cita o Padre Jean Bolland⁴, que entendia a Hagiografia crítica como um ramo da ciência histórica, por referir-se a vidas autênticas e não a vidas espúrias, objeto do conceito hagiográfico mais medieval e generalizante, aceito, posteriormente, pelos componentes dos Anales. O objetivo das Vidas seria o de “estabelecer a verdade revelada, com a única instância interpretativa do mundo”. Miatello explica que:

O cristianismo é uma religião de revelação, isto é, Deus se dá a conhecer aos homens, e de salvação, isto é, Deus oferece aos homens uma vida eterna junto dele. Os cristãos criam na eternidade da alma no reino de Deus, ao qual se chegava através dos méritos de Cristo e de obras piedosas.

E, ainda,

[...] a narrativa hagiográfica estabeleceria um elo entre o *passado mítico-primordial-paradisíaco* [a vida do santo] e o *presente* [dos leitores] que se procurava modelar, tendo em vista o *futuro escatológico* que o leitor esperava ao final do percurso de sua vida, no encontro com a potência divina.

Os registros de vidas de santos, as atas de martírio, as descrições de milagres, as vidas exemplares dos monges e eremitas, dentre outros, são fundamentadas nos preceitos do Cristianismo, de uma vida sem pecados (mesmo que à força de penitências, orações e jejuns), que propiciarão uma morte em santidade. Ao final desse caminho, a salvação, vida eterna em Jesus Cristo, sendo Ele o próprio modelo.

A busca pela fonte nos levou à Biblioteca Central da UnB, onde encontramos, por feliz coincidência, no Setor de Obras Raras, o Manuscrito Ms 01 OBR/BCE/UnB.⁵ Ali,

² Temos, no Brasil, no campo da Historiografia Medieval, renomados estudiosos de Hagiografias. Além de André Miatello, com seus conceitos sobre Hagiografia, poderíamos nos reportar às obras de Andréia Frazão e Igor Salomão Teixeira, para o estudo. Recorremos ainda à historiografia espanhola, sobretudo ao trabalho de Susana González Marín. MIATELLO, André Luiz Pereira. Hagiografia. E-Dicionários de Termos Literários (Carlos Ceia). Disponível: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hagiografia/> Acesso em: 21 out 2018. FRAZÃO, C.L. e SILVA, Leila Rodrigues. *Relações de poder na Vita Sancti Fructuosi e na Vita Dominici Siliensis: santos, monges, reis e nobres em duas hagiografias ibéricas*. TEIXEIRA, Igor Salomão. *Hagiografia e processo de canonização: a construção do tempo da santidade de Tomás de Aquino (1274-1323)*. GONZÁLEZ MARIN, Susana. *Análisis de un Género Literario: Las Vidas de santos en la antigüedad tardía*. Disponível em: <https://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/55604/1/978-84-7800-906-0.pdf>. Acesso em: 21 out 2018.

³ MIATELLO, op. cit.

⁴ Jean Bolland é um autor do século XVII, padre jesuíta, autor da monumental obra *Acta Sanctorum*, dedicado aos santos católicos. Disponível em: http://www.patristique.org/article.php?id_article=132. Acesso em: 23 out 2018.

⁵ O documento está assim descrito, na BCE: *Número: 2F632s; Autor: Flos Sanctorum. Português; Título: (Flos sanctorum) (manuscrito). Outros títulos: Manuscrito 01, Ms.01.OBR/BCE/UnB; publicação:*

tivemos o contato com o documento original, mas nos valemos igualmente das imagens digitalizadas, disponibilizadas no site da BCE. Buscamos compreender os textos, tropeçando nas dificuldades paleográficas. Foi importante tentar entender cada palavra escrita em língua portuguesa arcaica. Mas, valemo-nos da autoridade e competência do professor Américo Venâncio Lopes Machado Filho, com sua edição interpretativa do *Flos sanctorum*⁶ e de seu Pequeno Vocabulário de Português Arcaico⁷. A eles nos ativemos e deles nos aproveitamos inteiramente.

O Manuscrito 01 BCE/UnB é um documento trecentista, escrito em linguagem⁸, cujo original latino teria desaparecido do Mosteiro de Pendorada. Trata-se de escritos em português arcaico, provindos, provavelmente, de um mosteiro desbaratado com o fim das Ordens⁹, da região norte de Portugal. Segundo Machado Filho, autores como Silva Neto e Askins defendem que parte do conteúdo desses manuscritos seria de autoria de Valério del Bierzo (séc. VII). De forma geral, o Manuscrito contém narrativas modelares de santidade eclesiástica, cujo objetivo é enaltecer a ordem clerical, a qual provavelmente era o principal público leitor.

Na opinião do Professor Saul António Gomes,¹⁰ o Manuscrito 01 deveria intitular-se Livro da Vida dos Santos Padres e não Florilégio dos Santos (*Flos Sanctorum*), como se consolidou na tradição bibliotecária da Universidade de Brasília. Após fazer a análise paleográfica, o referido professor conclui tratar-se de bifólios que outrora fizeram parte de um códice, de superfície retangular, com proporções matemáticas. Pela qualidade dos pergaminhos pode-se deduzir a origem em um *scriptorium* economicamente e culturalmente importante, predominantemente monástico. Observou ainda que há grande probabilidade de ter sido produzido no Norte de Portugal. Nos textos aparecem letras não

séc.XIV; [81] f., pergaminho; Em média 33 x 22 cm, com mancha textual em geral com 23,5 x 17,5 cm, em duas colunas, com 36 linhas cada.⁵ Assuntos: santos cristãos – Biografia – Catolicismo.

⁶ MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Um Flos sanctorum trecentista em português*: edição interpretativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

⁷ MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Pequeno vocabulário do português arcaico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Salvador: Edufba, 2014.

⁸ Linguagem: o português medieval.

⁹ Extinção das Ordens Em 1834, no âmbito da "Reforma geral eclesiástica" empreendida pelo Ministro e Secretário de Estado, Joaquim António de Aguiar, executada pela Comissão da Reforma Geral do Clero (1833-1837), pelo Decreto de 30 de maio, foram extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de religiosos de todas as ordens religiosas. ARQUIVO Nacional da Torre do Tombo. *Mosteiro de São Bento da Vitória dos Portos* Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1457735>. Acesso em: 21, mar, 2018.

¹⁰ O professor Saul António Gomes, da Universidade de Coimbra, ministrou, na UnB, palestra e minicurso, na IX Semana de Estudos Medievais, em maio de 2018, e discorreu sobre os Manuscritos de Brasília, nos quais se insere o *MS 01*. Na ocasião, enalteceu a importância e a raridade daqueles documentos para a lusofonia.

capitulares com dupla grafia (acréscimos em vermelho). Na descrição dos manuscritos usa-se o fólho, em retro e verso. O manuscrito é de grande qualidade, boa justificação, apresentado em escrita gótica, uma escrita redonda, leve, com poucas abreviaturas e com palavras organizadas. Enfim, uma obra verdadeiramente rara.

De um universo de 143 rubricas identificadas no Manuscrito, dispostas em 8 cadernos, constantes em 81 fólhos (retro e verso), selecionamos 15 para nosso estudo, sendo 5 rubricas¹¹ para cada um dos conceitos que compõem o tripé: pecado, morte e salvação. Embora entendamos que os três aspectos são interconectados, conseguimos perceber que havia narrativas onde cada um deles assumia maior protagonismo e, basicamente, tentamos sistematizar as informações oferecidas seguindo a lógica do próprio texto, uma vez que nosso objetivo é tentar entender como esses relatos edificantes circunscrevem (conceituam) cada um dos termos.

Pecado, morte e salvação foram objeto de preocupação de grandes pensadores do cristianismo, inclusive sob a perspectiva teológica fundamental, pastoral, moral, litúrgica. Dentre tantos, escolhemos, como suporte teórico para o nosso estudo, três figuras importantes, consideradas as mais representativas de suas épocas, quais sejam: no período do cristianismo nascente, o apóstolo Paulo; no período da Patrística, o bispo Agostinho e, na Escolástica, o frade Tomás de Aquino. O pensamento desses três grandes nomes ressoa até os nossos dias; transcenderam a época de seus escritos.

Tomás de Aquino, no século XIII, promoveu o encontro de Paulo e Agostinho, com as suas próprias ideias, sintetizando-as na sua obra principal, a *Suma Teológica*¹². E, desde então, os intérpretes e leitores (propagadores) se encarregaram de manter vivo esse encontro de ideias.

¹¹ A transcrição das rubricas segue a edição interpretativa de MACHADO FILHO, *Um Flos Sanctorum...* *op. cit.*

¹² *Suma Teológica (ST)* é o título da obra básica de São Tomás de Aquino, frade, teólogo e santo da Igreja Católica, um corpo de doutrina que se constitui numa das bases da dogmática do catolicismo e considerada uma das principais obras filosóficas da escolástica. Foi escrita entre os anos de 1265 a 1273. Nesta obra Aquino trata da natureza de Deus, das questões morais e da natureza de Jesus. *Suma Teológica*, apresentação. Disponível em PDF, em *Livros Católicos para Download*: <http://alexandriacatolica.blogspot.com/2017/04/suma-teologica-traducao-de-alexandre.html>

Buscando entender um pouco sobre os três pensadores e suas visões sobre os temas estudados, explicamos: Paulo¹³ (5-63 d.C.)¹⁴ oferece uma definição sintetizada do que seria o pecado, a morte e a salvação, ao dizer, em carta dirigida à comunidade cristã de Roma, por volta do ano 55 d.C.: "Porque o salário do pecado é a morte, enquanto o dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor".¹⁵ São Paulo orienta os fiéis sobre todos os assuntos importantes na formação do povo, principalmente diante de dúvidas surgidas, relacionadas à vivência cristã, o sentido do pecado para o cristão, o sentido da morte, o sentido da salvação, o papel do homem nessa salvação, a justificação pela fé, o pecado original e outras reflexões em torno desses temas.

Do período da Patrística¹⁶, destacamos Agostinho¹⁷ (354-430 d.C.), bispo de Hipona, um dos principais Padres da Igreja. Ele discorreu sobre o pecado, a morte e a salvação, de forma única, definidora, conceitual. A partir de suas vivências de pecador, registradas em seus escritos, como na obra *Confissões*¹⁸, de forma humana, esclarecedora e profunda, mostra sua visão sobre o pecado e o que este provocou em sua vida. Associou sua vivência com os ensinamentos de São Paulo, compreendeu e aprofundou a ideia sobre o pecado original. Sobre a salvação, em oposição ao pelagianismo, Agostinho tratou profundamente, principalmente a questão da predestinação e do livre arbítrio, tendo bebido diretamente da fonte de São Paulo. Santo Agostinho vê o pecado com uma visão ética, ressaltando a responsabilidade humana.¹⁹

Santo Agostinho diz que a concupiscência é o resto do pecado original (ST 1445) e que a oração é necessária para não se cair em tentação, com a aceitação da graça de

¹³ O chamado Apóstolo dos Gentios, era um judeu culto, profundo conhecedor do judaísmo, convertido ao cristianismo por volta do ano 33 d.C., escreveu cartas para diversas comunidades que fundou, quando de suas peregrinações de divulgação do Evangelho de Jesus Cristo. Esses escritos, tais como Cartas aos Romanos, aos Coríntios, aos Filipenses, entre outros, encontram-se compilados na Bíblia, o principal Livro do Cristianismo.

¹⁴ As datas de nascimento, conversão e morte de Paulo são hipotéticas, por não haver documentos que as definam. FABRIS, *op. cit.*

¹⁵ _Romanos 6, 23_- *Bíblia Católica Online*. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/romanos/6/> Acesso em: 13 out 2018.

¹⁶ A Patrística refere-se ao período inicial da Igreja Cristã, dos chamados Padres (ou Pais) da Igreja, os primeiros teóricos da doutrina cristã. O período durou até o século VI, na Igreja do Oriente e até o século VII, na Igreja do Ocidente. Em: ALTANER, B., STUIBER, A. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. Tradução: Monjas Beneditinas. 3ª.ed. – São Paulo: Paulus, 2004.

¹⁷ Santo Agostinho viveu em um momento da Igreja Cristã em crescimento, com maior liberdade, em expansão. Mas, desde os primeiros apóstolos e os primeiros escritos, a Igreja foi alvo de perseguições de todo tipo. Opuseram-se a ela, inicialmente, os judeus. Depois, os romanos, a quem a Judeia estava subjugada, como Província, a perseguiram violentamente, até o século IV, cessando as perseguições após a conversão do Imperador Constantino. E, dentro da própria Igreja, ocorriam os cismas, as heresias, as reinterpretações, tais como o arianismo e o pelagianismo. ALTANER e STUIBER. *Op.cit.*

¹⁸ AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

¹⁹ MOSER, Fr. Antônio. *O Pecado: do descrédito ao aprofundamento*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p.37

Deus para não pecar, não sendo bastante a vontade humana, no cumprimento de leis. (ST 1685). Em outro ponto, Agostinho adverte que a soberba imita a Deus de forma pervertida, porque o soberbo não quer submeter-se a Deus, mas quer impor-se a outrem, no lugar de Deus. (ST 2689). Em contrapartida, ao abrir-se humildemente a Deus, é possível atingir o conhecimento de acordo com a vontade divina:

Por onde, assim como o homem, guiado pela razão natural pode chegar a um certo conhecimento de Deus, por meio dos efeitos naturais, assim também, por meio de certos efeitos sobrenaturais, chamados milagres, é levado a um certo conhecimento daquilo que deve crer. Por onde, a operação de milagres constitui uma graça gratuita. (ST 2780).

Do período denominado de Escolástica, Santo Tomás de Aquino (1225-1274) foi um dos principais nomes. Na obra *Suma Teológica*, utiliza-se, dentre outros, dos pensamentos de Santo Agostinho, colocando-os sob análise, tal como a indagação de se o pecado seria um ato voluntário (ST 1370). Santo Tomás conclui que “mesmo nos pecados carnis há algum ato espiritual, que é o da razão; mas o fim desses pecados, donde tiram a denominação, é o deleite da carne”. (ST 1376). É ainda importante sua visão sobre o papel do diabo em relação aos pecados dos homens. Para ele, o diabo busca que o homem obscureça sua razão e assim consinta no pecado. Por certo, ocasional e indiretamente, o diabo é causa de todos os nossos pecados: “pois, induziu o primeiro homem a pecar; e esse pecado viciou a tal ponto a natureza humana, que todos somos inclinados a pecar”. (ST 1444)

O trabalho foi organizado em três capítulos. Cada um deles tratará de um dos temas do tripé proposto, quais sejam o pecado, a morte e a salvação. Buscaremos aprofundar os conceitos de cada um, com base nas narrativas, com suas personagens, suas ações, as histórias contadas e recontadas, os desfechos, as mensagens que o texto quer passar. Portanto, o objetivo é compreender os conceitos no contexto do próprio texto.²⁰

²⁰ Temos clareza que se trata apenas de um estudo introdutório, um exercício de interpretação de fontes primárias, o qual poderá ser aprofundado futuramente com o auxílio de bibliografia especializada, coisa que não foi possível fazer agora, devido à extensão e especificidade da fonte, que exigiu bastante tempo dedicado à sua leitura e compreensão do português arcaico.

CAPÍTULO 1

O PECADO

O pecado é o afastamento consciente do homem em relação a Deus e está sempre inserido em um contexto religioso. Se não há religião, não há pecado; somente para o homem religioso o pecado faz sentido. Segundo o Catecismo da Igreja Católica (CEC):

O pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a consciência reta; é uma falta ao amor verdadeiro, para com Deus e para com o próximo, por causa de um apego perverso a certos bens. Fere a natureza do homem e ofende a solidariedade humana. Foi definido como ‘uma palavra, um ato ou um desejo, contrários à lei eterna’.²¹

Com o objetivo de compreender o conceito de pecado que as narrativas das vidas de santos encerram, escolhemos cinco exemplos, nos quais o pecado é o assunto principal. A partir de cada uma delas, pretendemos verificar os tipos, as consequências, os posicionamentos, as ações, os ensinamentos.

De forma geral, encontramos situações em que os homens podem optar por fazer na terra obras boas ou más, sendo estas as que constituem o pecado. Então, não pode ser salvo aquele que faz más obras, ainda que faça boas obras! Toda obra - boa ou má – será considerada no julgamento de Deus, cabendo aos humanos não fazer obras em vão, e sim para o proveito de sua alma. Ainda, é ensinado que o pecado se agrava quando se despende tempo no erro constante, demonstrando falta de arrependimento. Aquele que vive em muitos pecados mortais, sem fazer penitência, não será salvo e estará sujeito a castigos, ainda neste mundo.

As narrativas também ensinam que querer encontrar a salvação por si mesmo constitui o pecado da soberba. Há também situações que apontam nessa direção, como não confiar na Providência Divina; confiar somente nas riquezas terrenas; tirar proveito das riquezas humanas, em benefício próprio ou de terceiros; ser corruptível e corruptor; aspirar ao sacramento da Ordem sem estar apto, não assumir os próprios erros, delegar responsabilidades; não cumprir as Leis de Deus.

A cristandade, ao ser entendida como comunidade, reflete-se nas narrativas nas quais se destaca a responsabilidade de uns em relação ao pecado dos demais. Levar o outro a uma situação de pecado é também em si um pecado. A comunidade é um aspecto

²¹ CATECISMO da Igreja Católica (CEC). 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993, N° 1849.

muito importante e, nesse sentido, o mosteiro é um lugar simbólico onde tais valores se refletem. Assim, é pecado grave a desobediência às regras de um mosteiro, que se reflete na quebra de juramentos e votos (quase sempre votos de castidade, obediência e pobreza), e do abandono da prática da ascese.

Mas Deus oferece os instrumentos que permitem purificar-se dos pecados, os quais não resistem ao arrependimento e à penitência. É necessário reconhecer a mercê de Deus no perdão dos pecados. Mas, no outro extremo, o pecado deixa o pecador fragilizado e sujeito às tentações do inimigo (Satanás).

A seguir, apresentaremos um resumo das cinco narrativas extraídas do MS 01/BCE. Para facilitar a compreensão, optamos por atualizar a linguagem.²² Ao final de cada narrativa, realizaremos uma breve análise de seu conteúdo e de suas referências históricas, para encerrar o capítulo com uma síntese mais sistematizada das cinco narrativas.

1.1 Aquisse segue hũũ exemplo que foy trasladado de Grego enladinho per Paayo, clerigo dauangelho da sancta Eigreja de Roma²³

Paio, um clérigo da Igreja de Roma, transcreveu, do grego para o latim, um fato contado pelo abade Manuel, que era discípulo do abade Arsênio, e este contou como se acontecesse a outro, o que ele achava que teria acontecido com ele. O abade Arsênio dizia que um monge velho estava em sua cela e ouviu uma voz do céu, chamando-o para conhecer as obras que os homens fazem no mundo. O monge foi levado a um lugar e lhe mostraram, primeiro, um homem negro, como eram os da Etiópia, que estava cortando lenha. Ele juntava a carga de lenha, que crescia e ficava mais difícil de carregar. Em vez de tirar parte da carga, cada vez lhe acrescentava mais. E isto fazia todo dia e assim despendia o seu tempo. Depois, mostraram-lhe um homem que estava sobre uma lagoa da qual tirava a água que podia e colocava-a em uma cisterna estragada, de modo que a água retornava à lagoa. Aquele que mostrava estas coisas ao monge, disse-lhe que iria mostrar-lhe outra que lhe pareceria muito estranha: ele viu dois homens em duas mulas, carregando uma viga de madeira atravessada. Queriam entrar emparelhados pela porta de uma igreja, mas a viga atravessada não permitia, e eles não conseguiram. O monge

²² Os títulos estão em português arcaico, linguagem original. Nas notas de rodapé foram registradas as atualizações dos títulos. Registramos também as referências arquivísticas dos textos, conforme registro na BCE, para possibilitar o acesso do leitor interessado em conhecer as narrativas na linguagem original.

²³ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.42v a 43r (Aqui se segue um exemplo que foi traduzido do grego para o latim por Paio, clérigo do evangelho da santa igreja de Roma.)

perguntou àquele que lhe mostrara estas coisas, o que se podia entender do que vira, da carga de lenha, da água da lagoa e da viga de madeira, e ele respondeu: aquele que cortava lenha e fazia uma carga que não podia levantar, mas ainda assim a acrescentava, é como aquele que vive em muitos pecados mortais, não quer fazer penitência para diminuí-los, a cada dia faz mais e, assim, acrescenta à carga com que primeiramente já não podia. O que tirava a água da lagoa e a colocava na cisterna estragada, e a água tornava para a lagoa de onde fora tirada, é aquele que faz boas obras, mas que as perde, devido a também fazer más obras. Se morrer nesse estado, não poderá se salvar pelas boas obras que fez, em razão das más obras que lhe juntou. Porém, porque toda obra deve ter o seu prêmio, assim no bem como no mal, o bem que fez, porque foi pequeno e se perdeu com o mal, será recompensado, dando-lhe saúde ao corpo, aos filhos e à mulher, e trazendo-o a tempo em que faça proveito de sua alma. Por isto, convém a todo homem, em todas coisas que fizer, pensar bem para não as fazer em vão. Aqueles que levavam a viga de madeira atravessada são os que fazem justiça, não por amor de justiça, mas por amor à soberba, e intimidação aos outros. E porque se agradam mais na soberba que na justiça, estão fora do reino de Deus, não podem entrar.

1.1.1 Análise

Os homens podem fazer na terra obras boas e más, sendo que as últimas constituem o pecado. Toda obra, boa ou má, contará para o julgamento do homem, cabendo a ele não fazer obras em vão, e sim para o proveito de sua alma. O pecado se agrava quando se despende tempo no erro constante, demonstrando falta de arrependimento, e aquele que vive em muitos pecados mortais, sem fazer penitência, vai acumulando pecados. Por outro lado, querer se salvar, por si mesmo, sem mudança de comportamento, demonstra o pecado da soberba em relação à Graça de Deus. Embora a palavra pecado não apareça na narrativa, ele se configura relacionado com as ações das humanas no mundo, as obras.

Observa-se que o caso é relatado por um abade²⁴, que fala sobre um determinado monge velho, que morava em uma cela, de acordo com a organização comum dos

²⁴ Abades são os superiores de um Mosteiro (ou Abadia, ou Cenóbio), que têm sob sua supervisão os monges cenobitas (que viviam uma vida em comum, nos Cenóbios). Estes podem ser de diversos tipos, tais como os eremitas (os monges do deserto) ou os peregrinos. Nestes casos, nem sempre os monges estão sob a direção de algum superior, depende do período monástico e das regiões. Há muitas variáveis. Adaptado de:

MORIN, G. *O ideal monástico e a vida cristã dos primeiros dias*. Tradução: D. Estêvão Bettencourt. 2ª ed. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2002.

mosteiros cenobíticos. As visões relatadas, entretanto, refletem pessoas em atividades cotidianas, como um homem cortando lenha e fazendo uma carga, outro retirando água de uma lagoa e a colocando em uma cisterna. Esses homens referidos nos exemplos também poderiam ser monges, uma vez que, a depender da ordem monástica, os membros da comunidade realizavam tarefas agrícolas.

Vemos que as personagens principais da narrativa são homens da Igreja, que julgam as ações. As demais são personagens secundárias, comuns, em serviços corriqueiros, servindo apenas como exemplo de atitudes erradas. Os homens obedeciam aos seus senhores terrenos, nas suas obras do dia a dia, mas nem sempre agiam da melhor maneira, deixando assim de obter resultados eficazes. Mas, aqui, o julgamento não é o moral, terreno, e sim sobre a desobediência ao Senhor dos senhores, mas que se baseia na lógica terrena do cotidiano para ser mais bem compreendida.

1.2 *Aquisse segue outro miragre deste sancto homem*²⁵

O relato refere-se a fatos acontecidos no Egito, num tempo em que houve uma fome muito grande, em consequência da seca na região do rio Nilo. Sem a chuva, e com o rio secando, não era possível regar o trigo, provocando escassez de pão. Os pobres começaram a abandonar a terra em busca de alimentos e muitos foram para Alexandria, onde o patriarca tinha fama de ser muito caridoso. O santo homem fez o que pôde para ajudar a grande quantidade de pobres que lhe pediam esmola: gastou todo o ouro que tinha e ainda pediu emprestado. Mas, com a longa duração do período de fome, não havia como socorrer os desvalidos, nem tinha mais a quem pedir emprestado. Aproveitando-se da necessidade do patriarca, um homem rico da cidade ofereceu-lhe ajuda, na forma de mil e duzentas medidas de trigo e cento e oitenta libras de ouro, porém, queria ser ordenado clérigo. O patriarca recusou a ajuda, mesmo preciosa naquele momento. Pediu que todos saíssem da igreja, e falou ao homem que como ele era bígamo, portanto, pecador, não o poderia ordenar, ou ele próprio incorreria também em pecado. Era uma oferta suja, cheia de pecado. Lembrou-lhe que, sobre as ofertas para os sacrifícios, o Antigo Testamento exigia que as ovelhas escolhidas não tivessem manchas ou defeitos. Lembrou a história de Abel, que era pastor de ovelhas e sempre oferecia a Deus em

²⁵ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.57v a 58r (*Aqui se segue outro milagre deste santo homem*). A narrativa sobre a vida deste santo consta no manuscrito MS 01 OBR/BCE/UnB, f.55 v a 57 v. O homem, referido é São João, patriarca de Alexandria e esmoler.

sacrifício suas melhores ovelhas, ao passo que Caim, seu irmão, que era lavrador, oferecia ao Senhor as piores espigas. Por isso, Deus não aceitou o sacrifício de Caim. Então, o patriarca disse que Deus não desampararia os pobres e não os deixaria morrer de fome, se guardassem os seus mandamentos, pois aquele que, com cinco pães, alimentou cinco mil homens, podia abençoar os poucos pães que ainda tinha, e poderia ainda acrescentá-los se quisesse. Encerrou, frisando que não o ordenaria, por ser bígamo, e para se preservar de também cair em pecado. O homem ouviu tudo e saiu triste, sem conseguir o que pretendia. Imediatamente, o patriarca recebeu a notícia de que tinham chegado dois barcos grandes da Igreja, vindos da Sicília, para ele, carregados de bom trigo. O bem-aventurado patriarca prostrou-se e agradeceu muito ao poderoso Deus, dizendo: Senhor, dou-te graças por que não quiseste que o teu servo vendesse as tuas graças em troca de riquezas. Agora entendo como, por muitas vezes, provas que àqueles que a ti recorrem, e guardam os teus mandamentos, nada do que necessitem lhes faltará, para que se possam manter.

1.2.1 Análise

O relato desenvolve-se, em parte, em torno de um homem que queria ser ordenado clérigo do Evangelho na sé de Alexandria, apesar de sua condição de bígamo o impedir. Note-se, que o impedimento não recaía sobre o fato de ele ser casado, uma vez que na condição de “clérigo de Evangelho”, ele estava inserido nas chamadas “ordens menores” sobre as quais não recaía a obrigação do celibato. Esse homem oferece à Igreja mil e duzentos “moyos” de trigo e cento e oitenta libras de ouro, valores consideráveis, para a época. Observa-se, por fim, que a Igreja de Alexandria, devido à postura virtuosa de seu patriarca, recebe, oriundos da Sicília, dois barcos grandes da Igreja, carregados de bom trigo. A referência a “barcos da Igreja” pode significar que o carregamento era resultado do pagamento de dízimos, ou de outros benefícios devidos à diocese de Alexandria.

Os pecados descritos apresentam o pecador, a rejeição aos pecados, a resposta de Deus aos fiéis. As referências doutrinárias são amplas, do Antigo Testamento (as ofertas de Caim e Abel) ao Novo Testamento (o milagre dos pães), além de acrescentar impedimentos normativos de cunho moral, como a bigamia, em defesa do modelo do casamento monogâmico.

São ainda referidos acontecimentos importantes, do ponto de vista terreno, contrapondo-se aos acontecimentos espirituais. Uma realidade do cotidiano é a fome, a

falta de pão, em consequência de eventos da natureza²⁶, que levam os desvalidos à migração para outras terras, embora recorram ao auxílio da Igreja. Portanto, a narrativa coloca a instituição como uma espécie de recurso último dos necessitados, com capacidade para assisti-los de forma correta, ou seja, com recursos livres de pecado. Ao mesmo tempo, a utilização de recursos provenientes da própria Igreja para socorrer os famintos legitima a cobrança de taxas e impostos por parte da sé de Alexandria.

1.3 Aquisse segue outro exemplo per que se da aentender que se os pecadores quando pecado fazem entendessem que deus que os uee assi come verdade. Leyxariam de pecar et fariam peendencia.²⁷

Esta narrativa é sobre uma mulher, de nome Tassis²⁸, que foi “pecadora pública” no Egito, e que devido à sua grande beleza os homens vendiam tudo o que tinham, e chegavam mesmo a se matar deixando os portais da casa dela sujos de sangue. O abade Panúcio, ao saber da má fama daquela mulher, vestiu-se com roupas mundanas e foi até a cidade em que vivia a pecadora, entrou na casa dela, oferecendo-lhe dinheiro, como se quisesse os seus favores sexuais. Pegando em sua mão, Tassis convidou-o para deitar-se numa cama luxuosa, mas ele pediu-lhe para irem para um lugar mais escondido. Tassis pergunta, então, ao abade se ele tem vergonha de Deus ou dos homens. Se dos homens, naquele lugar não entraria ninguém que ela não quisesse. Agora, se fosse de Deus, não haveria lugar para se esconder, já que ele está presente em toda a parte e tudo vê. O abade Panúcio perguntou-lhe se ela sabia da existência de Deus e Tassis respondeu afirmativamente, explicando que no seu Reino haveriam de reinar os bons com ele, e no Inferno seriam atormentados aqueles que morressem em pecado mortal. O abade, então, quis saber porque ela permitia que tantas almas se perdessem por causa dela, o que obrigaria a prestar contas por essas almas e pela própria. Depois de ouvir tudo isso, Tassis prostrou-se diante do abade e pediu-lhe, com muitas lágrimas, que lhe desse penitências

²⁶ A questão da fome no Egito conecta-se ao caudal do rio Nilo, em cuja história milenar registram-se recorrentes episódios de transbordamentos (que fertilizam o solo) quanto de recolhimento (que impossibilitam o cultivo em suas margens). Adaptado de: <https://www.egipto.com.br/periodo-cheias-nilo/> e FABER, Marcos: *A Importância dos rios para as primeiras civilizações*. Disponível em: https://www.historialivre.com/antiga/importancia_dos_rios.pdf. História Livre, 1ª ed., agosto, 2011.

²⁷ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.63v a 64v (Aqui se segue outro exemplo pelo qual se dá a entender que se os pecadores quando pecam entendessem que Deus os vê assim como são de verdade, deixariam de pecar e fariam penitência.)

²⁸ A mulher, de nome Tassis, foi pecadora pública ou cortesã, prostituta de luxo, em Alexandria, Egito. É cultuada na Igreja Católica Romana, Ortodoxa e Copta, como Santa Thaís, festejada no dia 8 de outubro. HISTÓRIA de *Santa Thaís*. Cruz Terra Santa. Santos e Ícones católicos. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-thais-/112/102/> Acesso em: 6, nov, 2018.

por seus pecados, pois confiava tanto em Nosso Senhor, e sabia que se ele rogasse por ela, seria perdoada. Em seguida, tomou todas as coisas que ganhara com o pecado e fez uma grande fogueira no meio da cidade, gritando que todos os que pecaram com ela viessem ver como ela queimava tudo o que lhe tinham dado; riquezas estimadas em quinhentas libras de ouro. Depois, acompanhou Panúcio até um mosteiro de virgens, onde foi colocada em uma cela pequena, cuja porta foi selada com chumbo. Ali, Tassis ficou, a mando do abade, a pão e água, sem poder sair nem mesmo para as necessidades fisiológicas. A pedido dela, o abade a ensinou a orar com o rosto virado para Oriente, dizendo: “Senhor que me fizesti, amercea-te de mim”.²⁹ A penitência prolongou-se por três anos, depois dos quais, Panúcio, com pena, solicitou a opinião de outro eclesiástico, o abade Antônio, sobre se Deus já teria perdoado Tassis de seus pecados. O abade Antônio chamou todos os seus discípulos, e pediu-lhes que fizessem vigília, naquela noite, e rogassem a Nosso Senhor para que lhes mostrasse a razão. Estando eles em oração, o principal discípulo de santo Antônio, chamado Paulo, teve uma visão do céu, que lhe mostrava três virgens muito belas deitadas em um leito riquíssimo, e que ele imaginou destinarem-se ao seu mestre. Mas elas lhe disseram que o leito precioso destinava-se a Tassis, a pecadora pública. No outro dia de manhã, Paulo contou sua visão, e Panúcio conheceu e entendeu a vontade de Deus, que se mostrava satisfeito com a penitência, e abriu a porta da cela selada com chumbo. Tassis, porém, pedia que a deixasse ainda ali encerrada. O abade informou-a que Deus já a tinha perdoado, mas ela respondeu que ao entrar na cela, carregara consigo seus pecados e que eles continuavam ali, sem abandoná-la, fazendo-a chorar amargamente e clamar ao Senhor por piedade. O abade Panúcio lhe disse: “não pela tua penitência, Deus perdoou os teus pecados, mas pelo cuidado que sempre tiveste em teu coração”. Depois que o abade a tirou da cela, Tassis viveu quinze dias e foi-se para a glória do paraíso.

1.3.1 Análise

O abade, para sair do mosteiro e ir ao encontro da pecadora, precisou se disfarçar, vestindo uma “vestidura de segral”, ou seja, secular. Após a conversa, na qual houve alguns mal-entendidos, a mulher aceita se converter. O passo seguinte, radical, é o da queima de objetos valiosos, no meio da cidade, encerrando um ciclo de luxo e de luxúria. A mulher, então, aceita ir para um mosteiro de virgens, onde foi encerrada em uma cela

²⁹ Ms 01 OBR/BCE/UnB f 64v (Senhor, que me fizeste, tende piedade de mim.)

com proteção adicional, isto é, selada com chumbo. Um tempo depois, o abade passa a orientação, para a pecadora, de que ela, sentada em sua cela, deve “voltar o rosto para o oriente”³⁰ e assim orar a Deus.

Destacamos, na narrativa, a corresponsabilidade dos cristãos com relação ao pecado, uma vez que, levar o outro a uma situação de pecado é também em si um pecado. No relato fica demonstrado que não há pecado que resista ao arrependimento e à penitência, sendo também necessário reconhecer a mercê de Deus no perdão. Neste caso, a súplica da pecadora aparece como elemento primordial para o perdão, o que, à primeira vista, poderia parecer contraditório, dado o papel das penitências. Observa-se, assim, que para alcançar o perdão é necessária uma série de elementos que vão além do arrependimento completo e sincero. Na perspectiva da época, a relação de dependência entre o fiel e o Senhor exige que o vassalo faltoso demonstre publicamente que requer a mercê do superior, por meio da reconciliação que só ele lhe pode oferecer. Por isso a necessidade de interferências sobrenaturais (sonhos, visões) para confirmar o cumprimento da palavra de Deus, com o perdão. Mas os sonhos não são enviados a Tassis, mas àqueles que têm o papel de intermediários autorizados entre os humanos e a divindade: os sacerdotes.

Esta narrativa confirma, ainda, a forte associação que se estabelece entre a beleza feminina e a prostituição, como fonte de pecado, ressaltando o papel subalterno da mulher na sociedade medieval.

1.4 Aquisse seguem humas sanctas parauoas que deziam os monges antressi. per que homem pode entender que non deue aperlongar de dia em dia sa peendença et quese deue cada dia nembrar do bem et do mal que naquel dia fez.³¹

Esta narrativa conta o que diziam de um padre santo sobre a confissão. Este, ao saber que alguém estava sempre deixando a confissão para outro dia, dizia àquela pessoa para se confessar logo, porque a vontade de Deus poder-se-ia cumprir no dia seguinte. Também este padre orientava a que todos fizessem diariamente, de manhã e à noite, o exame de consciência, como se estivessem diante de um juiz, e deviam dizer: “vejamos agora o que fizemos hoje daquelas coisas que Deus não quer que se façam e o que é que

³⁰ A orientação deve ter por base o costume judaico de orar com o rosto voltado para Jerusalém, conforme Bíblia Sagrada, 2 Cr 6, 37-38.

³¹ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.65r a 65v (Aqui se seguem umas santas palavras que diziam os monges entre si, pelas quais o homem pode entender que não deve postergar de dia em dia sua penitência, e que se deve cada dia lembrar do bem e do mal que naquele dia fez.)

cumprimos daquelas coisas que nos manda fazer”. E, assim, corrigindo-se do que fizeram contra a vontade de Deus e acrescentando sempre no que fizeram da vontade dele, viveriam sempre em penitência. Como ninguém ousa fazer mal àquele que está sempre diante do imperador, também o inimigo não poderia prejudicar quem se aproxima de Deus, porque este disse: “aproximai-vos de mim e aproximar-me-ei de vós”. Mas, aquele que reparte os seus sentidos e o seu entendimento, ora em um devaneio, ora em outro, rapidamente o inimigo o faz cair em muitas e desvairadas tentações, porque o acha a todo tempo fora do caminho e longe de Deus.

1.4.1 Análise

A narrativa mostra a inutilidade de se reconhecer o pecado sem arrependimento e confissão³². Ou, ainda, a atitude de acomodação, ao postergar a confissão. É visto claramente que o pecado deixa o pecador fragilizado e sujeito às tentações do inimigo (Satanás). Ao contrário, o inimigo foge dos que estão próximos a Deus. A narrativa ressalta a necessidade de estar sempre pronto a refazer a rota, com a conversão diária.

Observa-se a comparação entre o poder do Imperador com o poder de Deus. É uma relação de paridade. Quem está sob proteção da autoridade ou de Deus, está seguro de que o mal não vai atingi-lo. Ao mesmo tempo, ressalta-se o exercício do poder como justiça, mas que incide sobre as práticas cotidianas que o fiel deve manter para que ela se cumpra. Nesse sentido, o papel do juiz – Deus ou o imperador – só pode ser exercido se o fiel fizer a sua parte. Tal percepção remete ao sentido das relações de senhorio e vassalagem, nas quais cada uma das partes tem papéis específicos e essenciais para que o modelo se realize com perfeição. No caso da narrativa em análise, se sublinha o papel das ordens inferiores.

1.5 Aquisse segue huma vison per que aparece amanyra en como oenmygo tira os homens que estan enpeendença ao estado do mundo. et per que maneyra de pois volvem afazer peendença.³³

Um monge, de nome Anthíoco, firme e fiel no amor de Deus, porque guardava seus mandamentos, conforme lhe ensinara o santo bispo Athanásio, foi feito abade contra

³² A confissão dos pecados, como uma obrigação, foi tema de intensos debates e de mudanças desde os primeiros séculos do cristianismo. Catecismo da Igreja Católica (CEC) nº 1447. *Op.cit.*

³³ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.80v a 81r (Aqui se segue uma visão pela qual aparece a maneira como o inimigo tira os homens que estão em penitência ao estado do mundo e por que maneira depois voltam a fazer penitência.)

a sua vontade, porque desejava mais ser sujeito do que senhor. Dois anos após sua eleição, dois monges de seu mosteiro resolveram voltar para o mundo, passando a viver os prazeres da carne, tal como o inimigo colocara em seus corações. O abade Anthíoco, quando soube, ficou extremamente triste e passou a rogar dia e noite a Nosso Senhor, com muitas lágrimas, pela volta dos frades que o inimigo tirara de seu serviço. Estando com seus monges em oração, de joelhos diante de Nosso Senhor, começou a rogar pelos seus frades que saíram da Ordem, quando ficou “alheio de seus sentidos”, vendo as coisas que Deus lhe mostrava. O abade esteve em oração da hora nona até o pôr do sol. Depois os frades pediram-lhe que lhes contasse a visão. O abade, para aumentar a glória de Deus, aos seus frades, e no amor de seu filho Nosso Senhor Jesus Cristo, disse-lhes que um anjo o levava para um campo muito grande: “Não sei que campo era, nem onde era, me parecia uma terra muito estranha. Vi um pastor que andava guardando suas ovelhas. As ovelhas andavam muito contentes, pois havia muitos bons pastos. O pastor andava muito feliz com elas, porque elas lhe obedeciam e iam de bom grado a todos aqueles pastos a que ele as levava. O anjo que me levava para aquele lugar me disse: “Vês aquele pastor?” E eu lhe disse: “vejo”. E ele me disse: “este é o anjo dos deleites e dos prazeres do mundo, que engana as almas dos servos de Deus e tira os seus corações do bom propósito que tiveram em sua meninice para servir a Deus, para trazê-los à morte eterna, por esses deleites do mundo que lhes mostra”. E fomos adiante um pouquinho, por outro lugar, e mostrou-me outro pastor que parecia rústico, muito bravo, de semblante desagradável, de forma que quando eu o vi, assustei-me com ele. Trazia nas mãos um bastão duro e cheio de nós. Trazia ainda uns chicotes presos a um pau, e vinha roubar as ovelhas que andavam no rebanho do primeiro pastor, que as deixava muito viçosas e em pastos muito grandes e muito bons, e as levava para um lugar muito estreito e muito áspero, de onde as ovelhas poderiam facilmente cair, pelo tanto que era alto e íngreme. Aquele lugar era cheio de espinhos e de cardos, de forma que as ovelhas andavam com muito cuidado, pois não podiam sair dos espinhos e dos cardos. Ele levava-as de uma parte a outra e nunca achavam um pasto agradável. Aquelas ovelhas andavam muito aflitas, como se já estivessem mortas, pois não podiam se mover de um lugar para outro. Fiquei com muita pena delas e disse ao anjo que me mostrava estas coisas: “Senhor, quem é o pastor que tão pouca pena e tão pouca piedade tem destas ovelhas que guarda?” E o anjo me disse: “Este é o anjo da expiação, que recebe os servos de Deus que andaram enganados, desgarrados dos caminhos de Deus e que partiram dos lugares onde serviam a Deus e andaram perdidos pelo mundo, cumprindo maus desejos em troca dos prazeres e dos

sabores da carne. E agora aqueles anjos, para trazê-los à verdadeira penitência e pelos lugares em que primeiramente serviam a Deus, deram-lhes tribulações, aflições e enfermidades diversas, em que os colocam, e outros danos que lhes provoquem grandes amarguras, para que deixem o estado mundano e retornem à vida celestial. Conduzidos à expiação, lembram-se dos males e agradecem a Deus porque não quis que se perdessem”. Estas coisas todas me mostrou o anjo, disse o abade Anthíoco, quando me levou àquele campo. Por isso, meus irmãos, venham comigo e demos glória e louvor a Deus, pai poderoso, tão piedoso, misericordioso e paciente com as maldades dos homens, que os arranca dos pecados em que vivem para a glória eterna. Pouco tempo depois, aqueles dois frades, que haviam fugido do mosteiro, caíram em grandes tribulações e tormentos, e em grandes dores, andando no mundo em que deram todos os prazeres que puderam aos seus corpos, assemelhando-se ao pastor que trazia as ovelhas nos pastos muito prazerosos, o anjo dos deleites. Os dois monges, andando pelo mundo, se viram em muitas aflições, pois, a um deles nasceu um tumor maligno grande, e foi para um hospital, em pobreza, por dois meses. Os cirurgiões cortaram-no por três vezes e não o puderam curar. E o outro foi pego em um malfeito e o prenderam com grandes grilhões nas mãos e grandes correntes no pescoço. E, cada um destes, pelas aflições que passava, desejava fazer penitência e voltar para o mosteiro. Isto foi mostrado ao abade Anthíoco pela semelhança do pastor que apascentava suas ovelhas nos lugares cheios de cardos e de espinhos, em que não havia nenhum lugar prazeroso. Aquele pastor era chamado de anjo da expiação. Como esperado, assim aconteceu. Depois que o abade Anthíoco rogou por aqueles monges que haviam saído de seu mosteiro, eles caíram nas tribulações que foram ditas acima. Aquele monge que estava encarcerado, a ferros, pela vontade de Deus achou-se solto de todos os grilhões, e foi logo de noite à hospedaria em que estava o seu companheiro, muito doente. Como ele não podia se levantar, tomou-o em seu colo e foi entregá-lo no mosteiro, de onde antes o tirara. O abade deu muitas graças a Deus, rezando com a comunidade, e recebendo os fugitivos com paz, alegria e prazer. Depois da oração, o frade que estava doente logo ficou são, e ambos fizeram penitência por três anos, com grande humildade. Os demais monges viram as lágrimas, os jejuns e as devoções e deram muitas graças a Deus, que não quer que os homens se percam, mas os encaminha para a penitência, para que possam se salvar. Depois de três anos de penitências, Nosso Senhor os chamou para reinarem com ele em honra e glória e senhorio sobre todo o tempo e sem nada mais acima deles.

1.5.1 Análise

Descumprir o serviço de Deus, ou os deveres próprios dos monges, representa quebra de juramento, quebra dos votos de castidade, obediência e de pobreza. Destacam-se os pecados contra a castidade e a luxúria, bem como o abandono da prática da ascese, o que enfraquece o espírito. Ao deixar-se enganar pelos prazeres que o mundo oferece, facilmente se cede às tentações do Inimigo. A narrativa também amplia o sentido e consequências do pecado, ao afirmar que este leva ao Inferno; o pecador renitente demonstra desprezo pela vida celestial. No relato, o pecador entra em contato com os deleites (o anjo dos “deleytos”), depois com a penitência (o anjo da “peendença”). Os castigos, portanto, são aplicados neste mundo, como vontade de Deus, com tribulações de todo tipo: doenças, solidão, pobreza, prisões, entre outras. Deus castiga os pecadores para levá-los ao arrependimento.

Observa-se, logo no início da narrativa, a relação entre senhor e vassalo, própria das relações feudais, no papel do abade frente aos seus frades, no mosteiro. Numa posição de humildade, tal como compete a um cristão diante de Deus, Anthíoco não se acha merecedor de ser alçado à posição de senhor da comunidade. Fizeram-no senhor contra a vontade, mas uma vez eleito abade terá que cumprir com seus deveres. A desobediência dos dois dos monges às regras monásticas³⁴ e ao senhorio do abade é clara e determinante para a narrativa, dela derivando os demais acontecimentos. Quebrar a cadeia hierárquica de obediências leva ao pecado e desencadeia tormentos.

Do cotidiano da vida medieval vimos as referências agrícolas e pastoris, que facilitavam a compreensão da audiência. Havia bons e maus pastos, estes últimos cheios de espinhos e cardos. Os pastores se utilizavam de instrumentos, como o “bago”, que era um bastão duro e cheio de nós, e o azorrague, que era um chicote, amarrado a um pedaço de madeira. As pessoas, em geral, estavam sujeitas a doenças graves, como grandes tumores (“levadiga”), sendo tratadas por cirurgiões. As condições dos prisioneiros eram as piores possíveis, conforme descrito na narrativa, com o uso de

³⁴ Regras monásticas são estabelecidas por cada Ordem, ex. Regra de São Bento. Por ela podemos enumerar algumas das obrigações dos monges e dos abades: são regras principais a obediência, o silêncio e a humildade. O monge deve sempre estar vigilante contra maus pensamentos, acautelar-se de maus desejos, ser fiel ao Senhor, mesmo nas adversidades, fazer o que obriga a Regra comum do mosteiro e os exemplos de seus maiores, fazer o trabalho manual cotidiano, não ter nada de seu, tudo em comum, orar (salmodiar), todo o Ofício Divino. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/04800547. Benedictus Nursinus. Regra Monastica. PT.pdf>. Acesso em: 01 nov 2018.

correntes nos pés, grilhões nas mãos e pescoço. Como última observação, a existência de albergues, um tipo de abrigo para os mais desfavorecidos.

1.6 Retomando o conceito de pecado

No caso das narrativas sob estudo, estas tratam de personagens cristãs, cujos relatos referem-se a momentos históricos desde os tempos primitivos da Igreja cristã, até o cisma entre Igreja Ocidental e Igreja Oriental. Destinavam-se, possivelmente, à edificação de monges, de frades e de clérigos. As histórias contadas revelam uma preocupação constante com o modo de viver em santidade, sem desviar-se do caminho proposto por Jesus Cristo, e com a expectativa esperançosa de sempre ser possível o retorno ao caminho direito, à conversão, mesmo que à custa de penitências difíceis e dolorosas.

Ajudará a compreender o que foi captado das narrativas, sobre os tipos de pecado³⁵, identificarmos os casos à luz da classificação estipulada pela Igreja, desde o século IV, sobre os pecados capitais (tabela I) e outros tipos (tabela II).

Tabela I

Pecados Capitais	Narrativa 1	Narrativa 2	Narrativa 3	Narrativa 4	Narrativa 5
Gula					Monges que passam a viver os prazeres da carne (comidas e bebidas)
Avareza		Tirar proveito das riquezas humanas para benefício próprio e de terceiros. Comprar o sacramento da ordem; simonia.			
Luxúria ou Impureza			A pecadora pública: seu próprio pecado de prostituição		Monges que saíram do mosteiro para experimentar os

³⁵ A Igreja esclarece sobre os conceitos de pecado, a diversidade e as possibilidades de listagem, que também são diversas. A tríplice divisão em pecados mortais, pecados capitais e pecados veniais, foi definida pela Igreja para facilitar o cumprimento dos mandamentos de Deus, instituídos por Moisés, ainda no Antigo Testamento. Os pecados mortais têm como objeto uma matéria grave e são cometidos com plena consciência e deliberadamente. Os pecados capitais são os que geram outros pecados. Os sete pecados capitais, também chamados Vícios, em oposição às Virtudes, são: Gula, Avareza, Impureza (ou Luxúria), Ira, Inveja, Preguiça (ou Acídia), Soberba (ou Vaidade). Os pecados veniais são os de matéria leve, mas que podem levar aos vícios. Catecismo da Igreja Católica (CEC), *op.cit.*, Art. 8, nºs 1857, 1862 e 1866.

			e o de levar outrem a pecar.		prazeres da carne (luxúria)
Ira					
Inveja		Querer ser o que o outro é: clérigo			
Preguiça ou Acídia				Não se confessar, não fazer exame de consciência; afastar-se de Deus, expondo-se a tentações. Omissão.	Abandono da prática da ascese.
Soberba ou Vaidade	Opção pelas obras más. Confiar em si próprio, em suas riquezas. Não confiar nas graças de Deus. Confiar em sua própria justiça.	Ser corrupto. Oferecer a Deus sacrifícios impuros. Desobedecer aos preceitos da Igreja. Não obedecer às regras do mosteiro.	Obter luxo e riquezas com pecado.	Não cumprir as Leis de Deus. Não dar atenção unicamente às coisas de Deus	Monges que abandonaram o mosteiro por acharem-se superiores aos outros.

Tabela II

Outros tipos de pecado					
Pecado mortal	Não foi descrito o tipo do pecado		Suicídio – Matar-se por uma pecadora pública		
Contra a caridade		Deixar o próximo passar fome. Aproveitar-se do sofrimento alheio para benefício próprio			
Contra a moral		Bigamia.	Mentira	Maus pensamentos.	
Deixar-se guiar pelo conselho do diabo					Monges que abandonaram o Mosteiro por influência do diabo.

Já na introdução a este trabalho foram referidas as questões religiosas, tais como o pecado, a morte e a salvação, realidades ligadas ao cerne do cristianismo, na perspectiva dos homens medievais. O que resultou do estudo sobre o pecado, o primeiro tema, desencadeador dos demais, está tipificado nas tabelas I e II, acima.

Confirmou-se que, em todas as narrativas, aparece o elemento pecado. Na Narrativa 1, encontramos dois tipos de pecado: a soberba, que é um pecado capital, e o

pecado mortal (que conduz à perdição eterna), o qual não foi detalhado. Na Narrativa 2, temos a avareza, a inveja, a soberba, o pecado contra a caridade (que muitas vezes pode ser um pecado mortal), e um pecado contra a moral, que é a bigamia (ou adultério), um pecado grave. Na Narrativa 3, aparecem a luxúria, a soberba, o pecado mortal do suicídio e não menos grave, a mentira, que, dependendo de suas consequências, também pode ser pecado mortal. Na Narrativa 4, temos a preguiça, a soberba e os maus pensamentos. Na Narrativa 5, a gula, a luxúria, a preguiça, a soberba e o “deixar-se guiar pelo conselho do diabo”, um pecado difícil de ser tipificado, por causa de seus resultados variáveis.

O pecado mais evidenciado é o da soberba, não por acaso. O homem, no dizer de são Paulo, reiterado por santo Agostino e santo Tomás de Aquino, possui a concupiscência³⁶ da carne. Esta é resultante do pecado original, o pecado do primeiro homem, que o fez desobedecer a Deus, desobedecendo, afastar-se de Deus, afastando-se, quis ser como Deus.

Muito mais seria possível falar sobre o pecado, a partir do contido nas narrativas, mas, concluimos apenas lembrando que elas possuem elementos comuns, que são os próprios pecados, os arrependimentos, as confissões, as penitências, a morte e a salvação. No próximo capítulo trataremos do tema morte, muito embora o pecado também esteja contido naquelas narrativas. As narrativas sobre a morte, na perspectiva deste trabalho, estarão encadeadas a estas que encerramos: a morte como consequência dos pecados.

³⁶ “Constituído por Deus em estado de justiça, o homem, instigado pelo Maligno, desde o início da história, abusou da própria liberdade. Levantou-se contra Deus desejando atingir o seu objetivo fora dele”. E, “Em consequência do pecado original, a natureza humana está enfraquecida nas suas forças, submetida à ignorância, ao sofrimento e à dominação da morte, e inclinada ao pecado (inclinação chamada de ‘concupiscência’)” Catecismo da Igreja Católica (CEC), *op.cit.* n.ºs 415 e 418.

CAPÍTULO 2

A MORTE

A morte é o segundo elemento do tripé pecado/morte/salvação que formulamos neste trabalho. Tal como no capítulo anterior, tentaremos compreender seu significado no contexto das narrativas. Em princípio, poderíamos dizer de forma óbvia que morte é o contrário de vida. Entretanto, não se trata, para os cristãos, apenas da vida física, mas também da vida espiritual. E, neste caso, a morte física pode permitir a passagem para a vida eterna, assim como o pecado é a passagem para a morte espiritual. O pecado - ou seu contrário, a virtude - estabelece os critérios para julgar a qualidade da vida e da morte do cristão, e, como vimos, as situações são muito variadas, embora apontem sempre para o reforço do modelo político e social cristão. De acordo com a fonte primária, estamos tratando de um tempo que vai do início do Cristianismo (século I), até o século XIV, no qual as pessoas inseridas são em sua maioria cristãs. Mais especificamente, nossas personagens, que servem de atores para a mensagem que se pretende passar, pertencem ao meio eclesiástico: monges, frades, padres, abades, bispos... Então, é indispensável o entendimento de que a morte de um cristão, mesmo sendo, em sua origem, a consequência do pecado, não significa o fim, e sim o começo de uma nova vida, junto com Deus, que se dará pela salvação. O Magistério da Igreja Católica ensina que,

é diante da morte que o enigma da condição humana atinge seu ponto mais alto. Em certo sentido, a morte corporal é natural; mas para a fé ela é na realidade, 'salário do pecado'³⁷. E para os que morrem na graça de Cristo, é uma participação na morte do Senhor, a fim de poder participar também de sua Ressurreição.³⁸

E, ainda, sobre a entrada da morte na história da humanidade:

A harmonia em que viviam, graças à justiça original, ficou destruída; o domínio das faculdades espirituais da alma sobre o corpo foi quebrado, a união do homem e da mulher ficou sujeita a tensões; as suas relações serão marcadas pela avidez e pelo domínio. A harmonia com a criação desfez-se: a criação visível tornou-se, para o homem, estranha e hostil. Por causa do homem, a criação ficou sujeita à servidão da corrupção. Enfim, vai concretizar-se a consequência explicitamente anunciada para o caso da desobediência: o homem «voltará ao pó de que foi formado». *A morte faz a sua entrada na história da humanidade.*³⁹

³⁷ “Porque o salário do pecado é a morte, enquanto o dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”. Conforme Romanos 6, 23___- *Bíblia Católica Online*. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/romanos/6/> Acesso em: 13 out 2018.

³⁸ Catecismo da Igreja Católica (CEC), *op.cit.*, n° 1006.

³⁹ *Ibidem*, n° 400.

Destacamos o entendimento da Igreja sobre a morte ser uma consequência do pecado. Para o cristão, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e o pecado da desobediência afastou a criatura do Criador. Somente pelo pecado a morte entrou no tempo humano. O pecado é a própria morte, por provocar o afastamento do homem em relação a Deus.

Tal como procedemos no primeiro capítulo, escolhemos cinco narrativas nas quais a morte constitui um elemento central, para tentar compreender as lógicas exemplares que as mensagens pretendem transmitir.

2.1 *Sem título, sobre san Panuço. Morte de um homem bom.*⁴⁰

São Panuço percebe que “aquele” homem bom estava morto, e ora por ele e por suas virtudes. Uma voz lhe ordena que vá ao encontro de um mercador procedente de Alexandria, com três barcos de Thebayda e vinte mil moedas de prata. Como era um bom homem, além dessas riquezas, trazia ainda legumes para doar ao mosteiro. São Panuço perguntou-lhe: “Alma preciosa e amiga de Deus, que fazes trabalhando com as coisas terrenas, se a tua alma é do céu? Deixa estas coisas aos que cuidam da terra, pois és morador do reino do céu, de onde te chamam, e segue o teu salvador que logo irá te levar”. O mercador, sem demora, doou parte dos bens aos seus homens e mandou entregar o restante aos pobres, e foi-se então com São Panuço para o deserto, e este lhe ensinou a regra de como viver. Pouco tempo depois, o mercador partiu para a companhia dos santos. Então, São Panuço voltou para sua cela [trecho ilegível] e escutou uma voz que o aconselhava: “Isto vim te dizer, para não te orgulhares por ventura do bom trabalho”. Depois disto, recebeu a visita de sacerdotes e lhes contou o que tinha acontecido. São Panuço disse: “a ninguém devia o homem desprezar, ainda que seja ladrão, pobre, hortelão, lavrador, soldado, pois nestes homens há almas e coisas escondidas que Deus aprecia muito; ordem e hábito, mas também as boas obras e a mente limpa”. Depois que disse isto, deu a alma a Deus, e os sacerdotes e os monges que ali estavam, viram que os anjos a receberam e iam com ela cantando.

2.1.1 Análise

Observa-se que tudo acontece de forma rápida, sem demora, sem tardar, em pouco tempo. A morte, pelo visto, não avisa, não espera, não se limita ao tempo. O limiar entre

⁴⁰ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.13r (Sem título). Esta narrativa está incompleta e parcialmente ilegível.

a vida e a morte é mostrado na forma de escolhas pessoais, ou como ordens recebidas diretamente de Deus, interferindo nos destinos na terra e no além.

A opção mais certa para a vida e para a morte é pelas coisas do céu. Tanto o mercador, que dispôs de seus bens e seguiu o santo para a vida de orações, quanto o próprio santo, encontraram uma morte alegre e venturosa.

Vemos a questão dos homens que se fazem monges, por vezes a partir de um convite, de um convencimento. Também a importância do abandono das riquezas, para possibilitar servir unicamente a Deus. E, no último conselho do santo, o desejo de justiça para todos, não importando o tipo de ocupação. Para Deus todos têm seu valor, mesmo que escondido, e não apenas os homens que usam hábito e são ordenados.

A narrativa refere-se a uma pessoa que exercia uma atividade muito importante para a época, um mercador. Pela quantidade de barcos que ele trazia (três) e do “cabedal” (vinte mil soldos de prata), tratava-se de um homem rico, mas generoso, pois levava legumes para o mosteiro, de Thebayda.⁴¹ Depois que resolveu abandonar o mundo e ir para o deserto como monge, e seguir a Regra, o homem doou seus bens aos seus servidores e aos pobres. Outro ponto interessante é o destaque para homens com outras profissões, que também agradam a Deus, como hortelão, lavrador e soldado, e não apenas os religiosos. Ainda que o conjunto das narrativas pareça dirigido aos eclesiásticos, aparecem homens e mulheres laicos pecadores e, em menor número, virtuosos que mostram a importância de se considerar a cristandade de forma ampla.

2.2 *Miragre da morte de san Symhom*⁴²

Depois de muito tempo, aconteceu que o dia em que o santo haveria de morrer chegou. Ele, que o soube pelo Espírito Santo, colocou-se em oração. O povo, que viera até ele para receber suas bênçãos, esperava que o benzesse assim como costumava. Mas o santo homem, estando em oração, saiu-lhe a alma, e ficou por ali por três dias. Quando um de seus discípulos viu que já se haviam passado três dias, sem ele se levantar dali, subiu para ver o que tinha acontecido. Ficou perto dele por muito tempo, dizendo-lhe:

⁴¹ Thebayda, região do alto vale do rio Nilo, no Egito. Vidas de Santos, como as de santo Antão e de são Pacômio, fazem referências a essa região, que teria abrigado grande quantidade de cenóbios. Ver também: ALTANER, B., STUIBER, A. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. Tradução: Monjas Beneditinas. 3ª.ed. – São Paulo: Paulus, 2004.

⁴² Ms 01 OBR/BCE/UnB f.5r a 5v (Milagre da morte de são Simeão). De acordo com a tradição, São Simeão, chamado “O estilita”, foi um monge asceta que viveu no século IV/V, nasceu em 390, na Cilícia, hoje território da Síria e faleceu sobre a coluna que construiu, em 5 de janeiro do ano 453, no monte de Tesalissa, próximo a Antioquia. *HISTÓRIA de São Simeão*. Cruz Terra Santa. Santos e Ícones Católicos. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-simeao/336/102/#c> Acesso em: 7 nov 2018.

“Senhor, levanta-te e abençoa o povo. Já há muito tempo espera tua benção”. Mas, quando viu que ele não se mexia, nem respirava, entendeu que estava morto. E saiu dele um odor tão agradável, que maravilhava. Quando o discípulo viu isto, começou a dar gritos altos, e, gemendo e chorando fortemente, beijava-lhe a cabeça e a barba e dizia-lhe: “Senhor, a quem me deixaste? Pois os teus ensinamentos eram como de um anjo”. O discípulo, estando nesta aflição e neste pesar, adormeceu. São Simeão lhe apareceu em visão e disse-lhe: “Filho, não tenhas medo, pois eu não descerei agora do meu esteio. Mas, desce tu e vai confortar o povo”. O discípulo acordou e, quando deu três horas da tarde, estando com ele e beijando seus pés, pareceu-lhe que se mexia e teve medo de o tocar. Então, desceu e foi avisar o povo e o bispo de Antioquia, Anziocena. O bispo foi no outro dia, com mais três bispos, para ver o corpo santo. Com eles foi também Ardfbolo, o príncipe da Grande Cavalaria, em grande companhia. Quando ali chegaram, desceram-no do esteio e puseram-no sobre um altar que estava a seus pés. Aquele discípulo que anunciara ao bispo que São Simeão estava morto, disse que via muitas vezes os anjos de Nosso Senhor falar com ele em segredo. Dizia que eram tão formosos como o sol, e traziam vestes tão brancas como neve. O bispo de Anziocena quis tomar do santo homem alguma coisa, como relíquia, e logo suas mãos ficaram secas. Quando o povo viu isto, pediu a Nosso Senhor por ele, e o bispo foi logo curado. Então, pegaram o corpo e levaram-no para a cidade de Anziocena. Mas os moradores daquela terra onde São Simeão morava lamentavam e choravam muito porque lhes tomaram o corpo do santo homem. Eles, indo com o corpo, chegaram a um lugar distante da cidade de Anziocena no máximo cinco milhas. Depois que chegaram não puderam mover o corpo de nenhuma maneira, pois naquele lugar havia uma casa velha, no fim de um caminho, em que morava um homem que era surdo e mudo há onze anos. Quando viu isto, aquele homem deixou-se cair diante do corpo de São Simeão e logo ouviu e falou. E, dando altos gritos, louvando a Nosso Senhor, foi curado. E quando viram isto, todos deram graças a Nosso Senhor.

2.2.1 Análise

Constatam-se, neste relato, fatos notáveis relacionados com a morte: o aviso recebido do Espírito Santo, pelo santo homem, antes de sua morte, o bom odor exalado dos corpos santos e o controle sobre o próprio corpo físico, mesmo após a morte.

A morte de um santo é descrita não apenas como mais uma morte, mas como um acontecimento, ensejando a presença de grandes nomes da Igreja. Tem os seus desdobramentos, as consequências, as reações, os milagres e as apropriações pela Igreja.

Uma dessas apropriações é o transporte do corpo para ser enterrado em um lugar considerado mais importante, sem levar em consideração a vontade do povo. Outra, a questão das relíquias, por meio do gesto do próprio bispo de Anziocena, que quis tomar alguma coisa do santo para si. Neste caso, ainda acontecem desdobramentos milagrosos, como a mão do bispo secar, mas recuperar-se em seguida pelas orações, além da cura do homem surdo e mudo.

Observa-se, nesta narrativa da morte de São Simeão, a referência ao esteio - ou coluna - sobre o qual vivia. Isso explica o fato de o terem descido do esteio e depositado em um altar localizado logo abaixo. São Simeão atraía inúmeros fieis que iam ao seu lugar de morada para receber a sua bênção. Pela importância desse santo para a comunidade, a sua morte atrai pessoas importantes, seja da Igreja, como o bispo de Antioquia, ou de Ardíbolo, Príncipe da Grande Cavalaria.

2.3 Aquisse começa a vida et amorte doutro monge que ouue enhuum moesteiro que dezieam Caulimana que et naprouincia de Lusitanea acabo da cidade de meryida.⁴³

No mosteiro de Caulimana, que ficava a oito milhas (que podem ser quatro léguas) além de Mérida, houve um abade, de nome Renovado. Homem muito honrado, de santa vida, muito letrado em todos os conhecimentos, de bom juízo, temente a Deus. Honrava seus amigos, dava de si muito bom exemplo, por palavra e por obra, a todos os monges que com ele viviam. O inimigo da linhagem de Adão (Satanás), que sempre tem inveja de todos aqueles que vão pelo caminho de Jesus Cristo, buscou prejudicar os monges do dito mosteiro, mas não conseguiu, porque eles eram muito fortes e firmes, sempre tementes e perseverantes no louvor a Deus. Porém, o diabo conseguiu tentar um monge e atraiu-o para os maus costumes, tornando-o grande bêbado e ladrão, embora não se aproximasse de mulheres. Depois que o seu abade entendeu o que acontecia, admoestou-o por palavras, para que deixasse de tão infames pecados e o rebaixou de modo vil, assim como merecia. Quando o abade viu que ele não se emendava, passou-lhe regras e abstinências para serem cumpridas e encarcerou-o. Mas, o monge, não querendo se corrigir das maldades, a cada dia sujava seu corpo com poluição, e cada vez mais se aproximava das portas do Inferno. Ao constatar que não o podia consertar, o abade, com grande dor em seu coração, deixou-o fazer o que quisesse, e mandou-o aos despenseiros de seu mosteiro. Quando ele quisesse roubar alguma coisa, pão ou vinho, que se

⁴³ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.28v a 29v (Aqui se começa a vida e a morte de outro monge que houve em um mosteiro que diziam Caulimana, que estava na província da Lusitânia, nos arredores da cidade de Mérida.)

escondessem e o deixassem pegar quanto ele quisesse, e reparassem onde ele levava aquilo que roubava. Assim o fizeram. Achando a adega de vinho aberta, enchia suas vasilhas, achando o celeiro do pão aberto, pegava ali e tomava dele e das outras coisas o quanto queria. Ia depois para um pomar que ficava junto ao mosteiro, entre umas árvores muito espessas, sentava-se em um lugar escondido e ali comia à vontade. Comia muitas vezes sem vontade e sem sabor, pelo mau costume, e bebia e tornava a beber, acima de suas forças e de seu poder, até que adormecia. Então vinham os cães e comiam aquelas coisas que achavam mal guardadas. Os monges levavam para o celeiro e guardavam todas as outras coisas que ele tinha guardado para si. Vivendo ele desse modo por muito tempo, os monges entenderam que nunca poderia se corrigir daqueles maus costumes. “O salvador tirou-o da boca do leão”⁴⁴ desta maneira: um dia, saindo de manhã do celeiro, bêbado, como de costume, alguns estudantes, vendo-o assim, gritaram: “Homem mau, já é tempo de se corrigir! Malvado! A escritura diz que é malvado aquele que não guarda sua reputação!” Diziam ainda: considera o temível juízo de Deus e sobre a sentença assustadora que cairá sobre ti! Considera a tua idade e muda os teus maus costumes, antes que morras! Corrige tua vida, pois nós, que somos jovens, teríamos vergonha de levar a vida que levas!” Depois que ouviu estas coisas, ficou com tanta vergonha e pesar pelos seus malfeitos, que chorou muito e, levantando os olhos ao céu, disse: “Senhor Jesus Cristo, salvador das almas, que não queres a morte do pecador, mas que se converta das suas maldades e viva, rogo-te que me corrijas e que tires de mim essa desonra, que nunca tome o lugar da minha fé. Ou, se mais te apraz, tira-me desta vida mesquinha, que nunca meu rosto veja tão vil desonra”. Nosso Senhor, por piedade, libertou aquele monge pecador, atendendo aos seus rogos, dando-lhe febres muito altas para que se sentisse mudado para melhor, pela graça de Deus. Odiou as satisfações da carne, confessou os seus pecados, de todo o coração, e tomou o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Depois, prostrou-se nu na terra e ali ficou por três dias e três noites, com muitas lágrimas e com muita humildade, confessando e dizendo todas as suas maldades. No terceiro dia, a alma partiu do corpo. Antes de morrer, falou aos frades com quem vivera: “saibam todos que meus pecados foram-me perdoados e que, diante das portas, estão os gloriosos apóstolos são Pedro e são Paulo, e o bem-aventurado mártir são Lourenço, todos

⁴⁴ Mantida a expressão “O salvador tirou-o da boca do leão”, por tratar-se de uma referência interessante à história do profeta Daniel, constante no Livro de Daniel (Dn 6,23). Aqui se entrelaçam a história de Daniel com a do Salvador, Jesus Cristo, que só será manifestada no Novo Testamento. Adaptado de BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

em companhia de homens sem conta com vestes brancas. Ouçam-me, pois devo ir com eles para Nosso Senhor”. Depois que disse isto, partiu-lhe a alma do corpo, sendo este sepultado, como de costume. Quinze anos depois, ou mais, a água do rio Ena cresceu tanto que saiu de seu leito e arruinou as casas que estavam em seu redor e também as celas do mosteiro de Caulimana, em que moravam os monges. Estes, querendo renovar as celas que foram derrubadas pelo rio, foram à cela onde jazia enterrado o monge citado acima. Para fazer ali os fundamentos da obra, abriram a sepultura e exalou dali um odor tão prazeroso que homem algum poderia contar. E, mesmo tendo se passado quinze anos, ou mais, de sepultado, acharam o seu corpo inteiro e incorrupto, como se tivesse sido enterrado naquela hora. Ainda, o que foi uma grande maravilha, as suas vestes e os seus cabelos estavam igualmente intactos.

2.3.1 Análise

A vida e morte do monge servem como exemplo de que nada é impossível para Deus. De uma vida de pecado, fez-se um santo. No relato, a morte é vista como um bem, como a melhor opção, uma vitória sobre o pecado. Depois, sucedem-se os sinais milagrosos, como o bom odor dos santos que se manifestou mesmo transcorridos quinze anos da morte. O corpo estava incorrupto, assim como as vestes.

No aspecto terreno é possível observar o excessivo rigor a que os monges estavam submetidos, no cumprimento de regras e na obediência aos votos. Mas, no caso específico, o destaque é justamente para a grandeza de coração do abade, que, esgotados os recursos ao seu alcance, para corrigir o monge, usa de compaixão para com ele. Com essa decisão, começa o resgate do pecador.

Esses fatos acontecem no Mosteiro de Caulimana, que ficava em Mérida, província da Lusitânia, na Península Ibérica. O abade Renovado, letrado e de muita sabedoria, cumprindo bem sua missão de “pai” para com seus monges, sofre pelos pecados deles, tenta corrigi-los, e, não conseguindo, aceita-os com seus maus costumes, apenas mantendo-os sob controle. No caso, sob o controle dos despenseiros, monges que cuidavam da adega, do celeiro e do horto, que ficava junto ao mosteiro e onde o monge bêbado e glutão se escondia, levando seus *bonços* (vasilhas) cheios de comida e bebida roubadas. Coadjuvantes na história, os jovens, estudantes de gramática⁴⁵, cumprem o

⁴⁵ No texto: “Meninos jovens que estudavam na gramatica”. Gramática como uma disciplina, parte da modalidade de estudos, que incluíam Álgebra, Geometria, entre outras. Entendemos como provável referência a estudantes no próprio mosteiro, jovens em preparação, talvez, para a vida eclesiástica.

papel de alertar o monge de que ele estava servindo de mau exemplo para eles. Reforça-se, portanto, a importância da imagem da vida monástica como exemplo para os demais cristãos. Neste caso, o monge tem consciência dessa importância e é isso que o faz mudar de vida.

Após a redenção do monge e sua morte, o corpo foi enterrado na própria cela. O costume monástico fazia os enterramentos dos religiosos da comunidade no cemitério do cenóbio, no claustro ou, a depender da hierarquia do defunto, na própria igreja. O fato do monge estar enterrado na cela parece apontar para um caso especial em que se quis vincular a morte de um santo a determinado espaço que, provavelmente, de transformou também em lugar de culto.

***2.4 Aquisse começa a vida et morte duum sancto abade que ouue nome Nauto.*⁴⁶**

Muitos homens que moravam na terra de Mérida, que fica na província de Lusitânia, contaram que no tempo do rei Leovigildo, que foi rei dos godos, chegou da África um abade muito santo de nome Nauto. Ele viveu nessa província muito pobremente, com os outros homens, que ali estavam. Como era muito devoto, o abade Nauto quis visitar o corpo de santa Eulália, que estava sepultado na igreja de Mérida. Como disseram os homens de então, ele esquivava-se de ver mulheres, como de mordida de cão peçonhento, porque se as visse, temia cair em algum pecado. Enviava sempre um monge para que fosse antes dele e outro após ele, para não encontrar mulher no caminho. Depois de chegar à igreja onde jazia o corpo de santa Eulália, pediu ao prelado dom Redento, homem muito honrado, que pusesse guardas ao longo do percurso que ele deveria percorrer de noite, entre sua cela e a igreja, quando fosse lá rezar, para não encontrar nenhuma mulher no caminho, na ida ou na volta. Havia ali uma mulher viúva, de nome Eusébia, de boa posição e muito santa que desejava muito ver aquele abade, porque tinha fama de grande santidade. Mandou pedir por muitos homens bons que a recebesse, mas ele nunca quis atender seu pedido. Ela implorou ao prelado da igreja de santa Eulália, que quando o abade, de noite, depois de suas orações, voltasse para a cela, que lhe permitisse ficar escondida em um lugar em que ele fosse passar, e que colocasse uma luz forte diante dele, de forma a que ela o pudesse ver demoradamente, mas sem que ele a visse. O pedido dela foi atendido. Quando o abade, passou diante dela, mesmo sem vê-la, deitou-se por terra, gritando e gemendo alto, como se ferissem o seu corpo, e

⁴⁶ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.29v a 30r (Aqui começa a vida e morte de um santo abade que se chamou Nauto.)

dizendo ao prelado dom Redento: “que Deus te perdoe, irmão, o que me fizeste?” Depois disto, partiu com alguns frades para o deserto, e fez ali uma pequena morada. Foram tantas as virtudes que nele cresceram, que sua fama chegou ao príncipe Leovigildo, de que falamos acima. Como esse príncipe fosse da seita dos arianos⁴⁷, e não um cristão correto, mandou que, em uma propriedade sua, dessem comida e vestimentas para o monge e seus frades, o quanto fosse necessário, e que todo o senhorio daquele lugar fosse dele. Como o monge não queria receber a mercê que o príncipe lhe fazia, o mensageiro lhe disse: “tu deves receber o dom e a mercê que o meu senhor Leovigildo te faz, porque ele se considera teu filho espiritual, que recebe bens e mercês de Deus por tuas orações, e se sentirá desrespeitado por ti, se não o quiseres receber”. Assim forçado, o monge Nauto passou a ser o senhor daquele lugar. E, depois que recebeu o senhorio, os homens daquele lugar desejaram conhecer aquele que lhes deram por senhor. Quando o viram em vestes muito simples, ordinárias, disseram entre si que era muito melhor morrerem, que servirem a tal senhor. Em pouco tempo, andando o homem de Deus pelos montes, guardando e apascentando umas poucas ovelhas que tinha, aqueles seus vassallos que o desprezaram, achando-o sozinho, feriram-no, deixando-o por morto. Depois que o soube, o príncipe Leovigildo mandou prender todos, e que os apresentassem diante dele. Como era um herege, da seita dos arianos, deu como sentença que, se aquele que eles feriram era verdadeiro servo de Deus, como os cristãos diziam, que Deus tomasse deles sua vingança, pois ele não queria fazer nada, e mandou-os soltar. Depois de soltos, vieram os inimigos da linhagem de Adão e entraram em seus corpos, e tanto os atormentaram até que lhes tiraram as almas dos corpos.

2.4.1 Análise

A vida e a morte do abade Nauto são descritas com muitos detalhes e o relato permite várias reflexões. Uma delas é a associação da santidade à pobreza, mas no caso dos monges, a castidade ganha especial relevo, como virtude que precisava ser conquistada a qualquer custo e vigiada ininterruptamente.

Uma narrativa densa, com muitos momentos de tensão e de alguma distensão. Os fatos acontecem na Hispânia visigoda, no reinado de Leovigildo, cristão ariano, ou melhor

⁴⁷ Seita dos arianos, ou arianismo: heresia sobre a divindade de Cristo, formulada por Ario, no século IV, combatida por Atanásio, entre outros. Definida como heresia no Concílio de Nicéia, em 19.6.325. COLLANTES, J. (org.). *A Fé Católica: Documentos do Magistério da Igreja – Das origens aos nossos dias*. Tradução: Paulo Rodrigues. São Paulo: *Lumen Christi*, 2003, p.279-280.

um “cristão não direito”. O Abade Nauto, que veio da África para o mosteiro de Mérida, vivia pobremente com a comunidade de monges. A boa morte está presente já desde o início, por meio da referência ao mausoléu de santa Eulália, importante local de culto, demonstrando o apreço e devoção aos corpos dos santos. A devoção que o abade demonstra a santa Eulália contrasta com o rechaço que ele devota ao sexo feminino, mostrando que a santidade dessexualiza os corpos. O abade cumpria o voto de castidade rigidamente, rechaçando, inclusive, o contato visual com mulheres, por temer o pecado, embora a narrativa permita compreender que não era esse o comportamento dos demais eclesiásticos de Mérida. A mulher que quer conhecer Nauto, apesar de ser viúva, boa, santa, de boa origem, será vista como fonte de perigo.

O bom abade, obediente às regras da Igreja ao extremo, sentindo-se próximo de tentações, busca outro caminho, o deserto. Mas nem ali encontra a paz que procurava. Ainda que se determine a uma vida de ermitão, as tentações do mundo continuam a persegui-lo. Suas virtudes deixam de ser apenas exemplares e mostram-se como instrumentos de poder para o rei, que, à revelia do monge, quer se vincular politicamente e espiritualmente àquele perfil de virtude.

As relações entre reis, senhores e vassallos são outro elemento importante. O que o rei determina, seus súditos devem seguir, sem objeções. O abade não queria riquezas, muito menos poder, mas teve que obedecer ao rei e aceitar ser um senhor de terras e de vassallos. A doação de Leovigildo consistia em domínios reguengos, isto é, pertencentes ao rei, juntamente com os servos vinculados à terra. Assim, esses servos passaram do poder régio para o senhorio de um “pobre coitado”. Um senhor que não é aceito pelos seus vassallos, porque estes não o reconhecem como digno da posição que ocupa e capaz de protegê-los. O poder, que lhe foi imposto, provoca a morte. O monge, na qualidade de senhor, foi assassinado pelos próprios vassallos, mas o rei não realiza a justiça que o caso merecia, provavelmente, porque não era “cristão direito”; deixou que Deus fizesse justiça, por meio dos “inimigos da linhagem de Adão” que aparecem, neste caso, como vassallos celestiais.⁴⁸

⁴⁸ Seguindo a interpretação de Clarice Aguiar: “A santidade do monge é apresentada por meio de vários aspectos de sua vida virtuosa e de sua permanente negação dos bens materiais. Em algumas passagens, destaca-se ainda seu respeito com relação às hierarquias terrestres, como a obrigação de aceitar a mercê que o rei Leovigildo lhe faz. Da mesma forma, se ressalta o descontentamento dos vassallos dos domínios em que o mosteiro do monge se instala, que se indignam com a qualidade do senhor a que são obrigados a se submeter. Um monge que vive de forma pobre e se apresenta em andrajos não é digno do senhorio e de comandá-los. Entretanto, o assassinato do senhor é um ato pecaminoso, sobre o qual até mesmo um rei “herege” sabe que merece castigo. Deus envia, então, “os inimigos da linhagem de Adão” para se vingar dos maus vassallos, por meio de tormentos que os levam à morte (...) os diabos são escalados para fazer a

2.5 Da morte de *samMilian* et dos *miragres* que fez Deus depois sa morte.⁴⁹

Santo Emiliano⁵⁰ viveu cem anos. No ano anterior à sua morte, o Espírito Santo mostrou-lhe que logo cumpriria seu tempo, e depois iria para a glória do paraíso. O “cavaleiro velho de Nosso Senhor” quis levar uma vida ainda mais comedida que antes, em orações e jejuns. Mais próximo da morte, fez novas proezas, achegando-se ainda mais a Deus, pois sabia que o louvor de cada homem é recebido no céu. Ele sabia o que Nosso Senhor disse no Evangelho, que quem perseverar até o fim será salvo. Naquele ano final, no tempo da quaresma, foi-lhe mostrada a destruição da terra que chamavam Cantábria, e ele mandou dizer, por seu mensageiro, em especial aos homens bons daquela terra, que viessem a ele, no dia da Páscoa, pois queria lhes falar. Foram todos juntados diante dele, e ele lhes disse que, pelas maldades que se faziam na terra, Deus queria destruir a Cantábria, pelo que lhes aconselhava fazer penitência de seus pecados. Os homens bons receberam a sua palavra com tanta reverência, como se ele fosse um dos discípulos de Jesus Cristo, ou um dos profetas. Um rapaz que ali estava, de nome Abondâncio, disse ao santo homem que ele falava como um louco, em devaneio, e que não entendia o que dizia, ao que o santo respondeu: “tu o verás por teus olhos e o provarás por teu corpo”. Ao fim de pouco tempo, chegou Leovigildo, rei dos godos, de que falamos acima, quando contamos as estórias dos padres santos que viveram em Mérida, e destruiu toda a terra da Cantábria, e mataram o jovem Abondâncio, assim como dissera o santo homem. A ira de Deus caiu sobre eles e morreram de má morte. Depois, entendendo que chegava o tempo de sua morte, Emiliano mandou chamar um santo sacerdote, de nome Asello, a quem costumava contar todos os seus segredos, e por suas mãos saiu a sua alma bem-aventurada do corpo em que andava. Então, todos os religiosos e os clérigos daquela terra juntaram-se e sepultaram seu corpo muito honradamente na cela em que ele vivia, que agora chamam de oratório de santo Emiliano.

2.5.1 Análise

justiça divina e prestar serviço a Deus”. AGUIAR, Clarice M. *Com a permissão de Deus: o papel do diabo nas narrativas de milagres (Península Ibérica, séc. XIII)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/24422?mode=full>. Acesso em: 20 jul 2018.

⁴⁹ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.75v a 76r (Da morte de santo Emiliano e dos milagres que Deus fez depois de sua morte.)

⁵⁰ A narrativa sobre a vida de santo Emiliano consta no manuscrito MS 01 OBR/BCE/UnB, f.72 v a 73 v.

O fim anunciado da morte do santo prepara uma narrativa edificante. Uma vida, já antes piedosa, busca acrescentar mais bagagem espiritual, para a esperada e desejada viagem final. O homem, fiel e digno cavaleiro, não contente com os feitos de sua vida até então, prepara-se para a morte, mostrando ainda mais trabalhos, mais empenho em suas boas obras de orações, jejuns e outras demonstrações. Esse santo homem conhecia as escrituras sagradas e a doutrina cristã. No tempo da Quaresma⁵¹, próximo ao dia da Páscoa, ele profetiza sobre a destruição da terra da Cantábria⁵², o que foi confirmado posteriormente, com a invasão e destruição dessa terra, por Leovigildo⁵³. Os fatos, mais uma vez, acontecem na Hispânia, no reino visigodo, no reinado de Leovigildo, cristão adepto do arianismo, e tratam dos embates entre cristãos católicos e cristãos arianos. Aparece também a figura de Abondâncio, chefe do senado cantábrico que não apenas ignora a profecia, mas desdenha do próprio santo, chamando-o de louco. Posteriormente, confirma com a própria vida a correta visão de santo Emiliano.

O homem bom é chamado de “cavaleiro velho de Nosso Senhor”, numa mistura de referências, entre os cavaleiros, vassalos, guerreiros e defensores do reino, com os cavaleiros de Cristo, defensores do cristianismo, dos pobres e dos desvalidos. Os cavaleiros de Nosso Senhor também recebem a investidura, agora litúrgica. Ambos estão submetidos a um poder, seja do rei ou da Igreja, e ambos são prestadores de serviços

⁵¹ “Quaresma: período destacado do ano litúrgico, em que a Liturgia da Igreja Católica celebra um tempo especial, quarenta dias de recolhimento, orações e jejuns, em preparação para a celebração principal da Igreja, a Páscoa, o dia da Ressurreição de Jesus Cristo”. COMPÊNDIO do Vaticano II. Constituições, decretos, declarações. *Sacrosanctum Concilium*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000, SC 109.

⁵² Terra de Cantábria, situada ao norte da Península Ibérica. Sobre a invasão da Cantábria e sua destruição: “Poco después los vascones inician el ataque a la zona costera de Autrigonia, que consiguen antes de mediados del siglo VI. Tras esto comienzan a saquear las tierras de Cantabria, Autrigonia interior (posterior Bardulia altomedieval), Aquitania y el valle del Ebro. Es probable que mientras tanto los cántabros (o el Senado de Cantabria que controlaba las zonas al sur de la Cordillera Cantábrica) se expandieran hacia ciertas zonas de La Rioja. Sobre este hecho tenemos una referencia en la hagiografía de San Millán, monje riojano, que predijo al jefe del Senado cántabro, Abundancio, que los años siguientes iba a ser violentos a causa de su paganismo. Pocos años después, Leovigildo haría realidad la predicción.” Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080917234912/http://bardulia.webcindario.com/germanica.php> Acesso em: 18 nov 2018.

⁵³ Leovigildo foi rei dos Visigodos, Reino de Toledo, de 569 a 586 d.C. Fortaleceu a autoridade real em toda a Hispânia e dominou províncias como Cantábria e Astúrias. Os Godos (Visigodos e Ostrogodos) foram os chamados “bárbaros”, que penetraram no Império Romano, substituindo-o na Península Ibérica, notadamente na Hispânia, reinando de 418 d.C. até 711 d.C., quando da invasão muçulmana. Para a unificação do Reino Visigótico na Península Ibérica, a religião foi um obstáculo. O arianismo dos Visigodos (inclusive do rei Leovigildo), se opunha ao catolicismo hispano-românico, até a proclamação pelo rei Recaredo do catolicismo como religião oficial da Hispânia Visigótica, em 589 d.C.

Texto elaborado a partir de informações constantes em artigos compilados em: ECO, Umberto. Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos. Adaptado de artigos como o de Massimo Pontessili, (p.49s), *As Migrações dos bárbaros e o fim do Império Romano do Ocidente*, e Marcela Roiola, *A Ascensão da Igreja de Roma* (p.121s). *A difusão do cristianismo e as conversões*, Giacomo de Fiore (p.129s). Disponíveis em: <https://www.studocu.com/en/document/universidade-nova-de-lisboa/history-of-law/lecture-notes/idade-macdia-barbaros-crist-aos-e-mu-aulmanos-umberto-eco/2103246/view> Acesso em: 19 nov 2018.

indispensáveis, leais ao seu senhor. No caso de santo Emiliano, o adjetivo “velho” realça sua posição, lhe dá maior dignidade e importância.

Na hora de sua morte, conhecida antecipadamente, santo Emiliano vale-se de um sacerdote, seu confessor, de modo a não morrer sozinho, e também para ter a segurança necessária, através da oração, de que terá uma morte boa e santa. Após a morte, ele é sepultado de maneira honrada e, mais que isso, promove-se a continuidade de sua presença na terra, por meio do Oratório de Santo Emiliano.

No caso específico desta narrativa, é ainda importante salientar que o relato faz parte de uma tradição difundida na Península Ibérica que migrou para o manuscrito que ora analisamos, a partir da Vida de São Emiliano escrita por Braúlio de Zaragoza, o que comprova a circulação e apropriação das vidas de santos em diferentes contextos.⁵⁴

2.6 Retomando o conceito de morte

Por meio das narrativas apresentadas, entende-se que a morte é um fato natural, que pode acontecer inesperadamente, mas que, pelo bem da alma do cristão, é necessário que ocorra em santidade. Isto significa que, mesmo tendo passado pelo pecado, será necessário o arrependimento, a consciência dos erros, as penitências, para, por fim, atingir essa santidade. Em algumas das narrativas o momento da morte é conhecido com antecedência, por meio do Espírito Santo e, nesses casos, a santidade era um pré-requisito para o cristão ter acesso a essa preciosa informação. Portanto, nestas situações constata-se que o cristão é identificado dentro de um tempo não apenas cronológico humano, mas, principalmente escatológico. É o homem não apenas preso ao ciclo de nascimento/vida/morte – perecimento, mas com o seu início e fim em Deus – vida eterna.

A tabela a seguir permitirá ver de forma mais sistematizada a morte em suas tipologias, para distinguir o perfil do morto, a forma como morreu, a qualidade boa ou má da morte, se a morte operou fenômenos milagrosos.

⁵⁴ O teor da narrativa é similar “§ 26. De cómo profetizó la destrucción de Cantabria. El mismo año, en los días de Cuaresma, le fue revelada también la destrucción de Cantabria, por lo cual, enviando un mensajero, manda que el Senado se reúna para el día de Pascua. Reunieránse todos en el día marcado; cuenta él lo que había visto, y les reprende sus crímenes, homicidios, hurtos, incestos, violencias y demás vicios y predicales que hagan penitencia. Todos le escuchan respetuosamente, pues todos le veneraban como a discípulo de nuestro Señor Jesucristo, pero uno, llamado Abundancio, dijo que el Santo chocheaba por su ancianidad: mas él le avisó que por sí mismo experimentaría la verdad de su anuncio, y el suceso lo confirmó después, porque murió al filo de la vengadora espada de Leovigildo. El cual, entrando allí por dolo y perjurio, se cebó también en la sangre de los demás, por no haberse arrepentido de sus perversas obras, pues sobre todos pendía igualmente la ira de Dios”. BRAULIO DE ZARAGOZA . *Vida y milagros de San Millán*. Tradução de fray Toribio Minguella, cap. 26. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/braulio/braulio.htm>. Acesso em: 19 nov 2018.

	Quem	Como	Boa ou má morte	Milagre	Mensagem
Narrativa 1	O monge, que antes fora mercador.	Foi para a companhia dos santos.	Boa morte.		Deixar tudo para seguir o seu Salvador.
	São Panuço	Deu a alma a Deus.	Boa morte.	Os anjos receberam sua alma e saíram com ela cantando.	A recompensa pela vida santa e boas obras.
Narrativa 2	São Simeão	Em oração, saiu-lhe a alma.	Boa morte.	Saiu do corpo um odor maravilhoso. Cura de um homem surdo e mudo, ao contato com o corpo.	Vida exemplar. Morte de um santo vista como um acontecimento.
Narrativa 3	O monge pecador arrependido.	Partiu-lhe a alma do corpo.	Boa morte.	Na hora da morte, visões de santos. Quinze anos após a morte, corpo incorrupto, odor agradável.	Para Deus nada é impossível. O poder do arrependimento e da conversão.
Narrativa 4	Monge Nauto, que fora Abade.	Ferido por seus vassalos.	Má morte (física). A narrativa não permite outra conclusão		O poder provocou a morte do Monge. Rejeição ao arianismo.
	Assassinos do Monge Nauto.	Saiu-lhes as almas dos corpos.	Má morte.	Os inimigos da linhagem de Adão entraram em seus corpos e os atormentaram.	A perversa manipulação dos homens poderosos. Os servos do diabo aparecem para fazer a justiça que os homens não fizeram.
Narrativa 5	Santo Emiliano	Saiu-lhe a alma bem-aventurada do corpo em que andava.	Boa morte.	A profecia sobre a destruição da Cantábria.	O monge como exemplo de vida. Quem perseverar até o fim será salvo. Rejeição ao arianismo.
	Mancebo Abondâncio	Em combate, após a invasão da Cantábria.	Má morte.		Desacreditou em palavras profetizadas pelo santo.
	Os homens maus da Cantábria.	Em combate, após a invasão da Cantábria.	Má morte.		Não atenderam ao chamado do santo.

As narrativas sobre a morte, sistematizadas na tabela, confirmam que dela ninguém escapa, como se se tratasse de uma sentença. Portanto, a morte é apresentada como um momento de justiça. Embora as circunstâncias das cinco narrativas sejam diferentes, a morte é o desfecho que sintetiza a qualidade da vida que se encerra. As personagens são, em sua maioria, monges e santos, mas há também criminosos e homens desobedientes. Nas narrativas 1, 2 e 5, os santos são protagonistas. Nas narrativas 1, 3 e 4, aparecem monges, e nas narrativas 4 e 5 são mostradas personagens como os assassinos do monge, um mancebo incrédulo e homens maus, também incrédulos.

Verificadas as personagens e as circunstâncias de suas mortes, mas na perspectiva da trajetória de vida, observa-se a divisão entre a boa morte e a má. Assim, o fato de o monge Nauto ter sido assassinado não poderia ser entendido como uma morte má, uma vez que, por meio de sua vida virtuosa, a morte é a passagem para o paraíso. Do ponto de vista espiritual, teve uma boa morte; estava preparado. Como contraponto, na mesma narrativa destaca-se que os assassinos e o jovem incrédulo tiveram uma morte má: física e espiritual. Os demais casos são definidos claramente como boa morte, ocorrendo eventos miraculosos, como anjos que saem cantando, levando a alma, a cura de um surdo e mudo, a presença do corpo do santo, visões de santos na hora da morte, corpos incorruptos que exalam odores maravilhosos, profecias.

Na Narrativa 4 o evento miraculoso é conduzido pelos “inimigos da linhagem de Adão”, que entram nas almas dos assassinos e as carregam para o Inferno. Depreende-se daí o importante destaque dado para a justiça que é feita pelos servos de Satanás no lugar dos homens que não a fizeram. Como deduziu Clarice Aguiar, “a cada milagre a relação de senhorio e vassalagem entre o diabo e Deus é reforçada, seja nos casos em que o diabo aparece como senhor e inimigo dos homens, seja naqueles em que atua como agente da divindade”.⁵⁵

As mensagens que cada narrativa oferece são, de forma resumida, a importância de deixar tudo para seguir o Salvador, de levar uma vida santa com boas obras, ter uma vida exemplar, perseverar até o fim da vida, a certeza de que para Deus nada é impossível; elementos que prenunciam uma boa morte. O descrer das palavras do santo, a perversa manipulação dos poderosos sobre os inferiores e a injustiça provocam uma morte má. Entendemos, a partir das narrativas, que o julgamento definitivo dos homens só se dará após a morte, somente aí poderá ser revelado o destino das almas. Assim, observando que

⁵⁵ AGUIAR, op. cit., p. 106.

uma morte santa parece ser o objetivo de quase todos, nos preparamos para chegar ao próximo tema: a salvação.

CAPÍTULO 3

A SALVAÇÃO

Neste capítulo, com o qual encerramos o estudo sobre o tripé pecado/morte/salvação, buscamos captar nas narrativas de que forma se constrói o conceito de salvação e o sentido que as personagens atribuem ao além. A vida após a morte configura-se como realidade, tal como a vida terrena, e o Paraíso e o Inferno têm uma espacialidade concreta, que as narrativas alimentam.

Para o cristão, salvar-se significa que, depois da morte, poderá retornar a Deus, ou seja, viver com ele e todos os bem-aventurados no Paraíso. O laço originário com a divindade foi cortado pelo pecado de Adão⁵⁶, que se estendeu a toda a humanidade como mal, e, ao mesmo tempo, dando início à história da salvação. A partir do pecado original, homens e mulheres entram na história, como tempo teleológico e como espaço de expiação. A humanidade “geme neste vale de lágrimas”, mas é também nesta geografia que deverá viver de forma a se salvar e, por meio de bons exemplos, salvar os demais. A corresponsabilidade do pecado transmite-se à descendência, assim como a salvação.

Tal como no capítulo anterior, escolhemos cinco narrativas do Ms 01/BCE, cujo fio condutor se caracteriza pela maneira como os personagens almejam a salvação.

3.1 Aquisse começa em como aqueste bispo passou daqueste mundo et foyssse ao parayso.⁵⁷

Um homem religioso, que tinha por costume ir sempre à igreja e ouvir todas as horas, de dia e de noite, pareceu-lhe, uma vez, estando em seu leito de noite, que já haviam tocado o sino para as matinas. Levantou-se rapidamente e foi para a igreja de santa Maria, que agora chamam de santa Jerusalém. Ali ouviu cânticos maravilhosos, muito agradáveis, e ao olhar para o coro viu que ali estavam muitos santos. Ficou com tanto medo que foi se esconder em um canto da igreja, de onde ouviu como acabaram todo o ofício da igreja, que naquele tempo se fazia, menos os laudes. Isto foi um pouco antes que

⁵⁶ Todos os homens estão implicados no pecado de Adão. É São Paulo quem o afirma: «pela desobediência de um só homem, muitos [quer dizer, a totalidade dos homens] se tornaram pecadores» (*Rm 5, 19*): «Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram» (*Rm 5, 12*). À universalidade do pecado e da morte, o Apóstolo opõe a universalidade da salvação em Cristo: «Assim como, pelo pecado de um só, veio para todos os homens a condenação, assim também, pela obra de justiça de um só [Cristo], virá para todos a justificação que dá a vida» (*Rm 5, 18*).⁵⁶

⁵⁷ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.32v a 33r (Aqui se começa em como este bispo passou deste mundo e foi-se ao paraíso.)

os galos cantassem. Depois, eles foram dizer os laudes, na igreja de São João Batista, que fica apenas separada por uma parede da igreja de Santa Maria, e quando acabaram disseram entre si que logo seria a hora das matinas e que deveriam tramarem aquilo a que foram mandados. Então, apareceram entre eles muitos “acípios”⁵⁸ negros, que causavam medo, muito grandes, como gigantes. Pela fisionomia e pelas vestimentas negras que traziam podia-se entender que eram servos do Inferno. Empunhavam espadas afiadas. Os santos disseram-lhes que fossem rapidamente ao adro da igreja e entrassem na cela em que estava o santo bispo dom Fiel e o ferissem gravemente, para que sua alma partisse do corpo e fosse com eles para Nosso Senhor Jesus Cristo. Os “acípios” foram, mas quando retornaram, disseram que não feriram o abade porque não puderam entrar em sua cela. Ele não dormia, mas estava prostrado em oração, e da cela saía um odor bom, que ele oferecia a Deus, coisa que os impediu de entrar. Os santos enviaram-nos outra vez, dizendo para o ferirem, pois isso era ordem de Nosso Senhor e convinha que fosse cumprido. Eles foram e de novo retornaram sem entrar na cela, alegando que a oração do santo não os deixara entrar. Os santos retrucaram que a oração não impede alguém que Deus chama. Mandou-os novamente cumprir o mandado de Nosso Senhor, que, depois que é dito, não se pode deixar de cumprir. Foram então pela terceira vez, e, por vontade de Deus, entraram. Feriram gravemente o bispo, de maneira cruel, e ele gemia alto provocado pela grande dor que sentia. O religioso, de que falamos acima, escutava tudo, de onde estava escondido, no canto da igreja, e de manhã foi até o bispo para lhe contar o que vira. O bispo revelou-lhe que já sabia de tudo e logo em seguida caiu enfermo, sentindo que todos os membros de seu corpo se despedaçavam. Pediu para ser levado à igreja de Santa Eulália e ali rogou a Deus por seus pecados, com muitas lágrimas e com muita devoção. Deu muitas esmolas a prisioneiros e a pobres. As “cartas partidas por A, B, C”⁵⁹ que tinha, em razão dos muitos empréstimos que fizera a muitos coitados em tempo de necessidades, deu-lhas e quitou-lhes todas as dívidas. Uma mulher, que lhe devia muito e de quem ele tinha uma “carta partida por A, B, C”, não conseguiu chegar até ele, pela grande quantidade de pessoas que o rodeavam, e voltava para casa em grande

⁵⁸ Sobre os Acípios. Os demônios são negros: por diversas vezes eles são descritos como sendo “negros como etíopes”. Identificada com o vazio, com a noite e as trevas, assim como com o mundo subterrâneo, e em última instância com a morte, a cor negra de forma muito incisiva aparece como uma das características dos demônios – em oposição à brancura e à luz, um dos signos mais relevantes das divindades positivas e, claramente, do próprio Deus. SILVA ROCHA, Tereza Renata. *Os diabos cômicos “As criaturas do mal na Legenda Áurea”* (século XIII). Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9862/5718>. Acessado em 10.9.2018.

⁵⁹ Cartas partidas por A, B, C são uma espécie de Nota Promissória ou título probatório de direito. MACHADO FILHO, A.V.L. *Pequeno vocabulário do português arcaico. Op.cit.*

aflição e com muitas lágrimas. Estando uma noite a dormir, foram até ela os preciosos mártires são Lourenço e são Cibrão, que lhe perguntaram se ela sabia porque não conseguia falar com o santo homem, nem chegar até ele. Ela respondeu que não e, então, os Lourenço e Cibrão lhe esclareceram que isso se devia a ela andar pelas igrejas de outros santos e desprezar as deles. Depois de ouvir isto, ela levantou-se, e foi logo às igrejas desses mártires, e rogou-lhes com muitas lágrimas que lhe perdoassem a negligência. Passou a varrer cada dia as igrejas deles, pedindo-lhes benefícios. Depois de orar, foi à igreja de santa Eulália, onde estava o santo bispo, e pediu-lhe, por obséquio, que se lembrasse de como ela era muito pobre. O santo homem quitou-lhe a dívida. A mulher agradeceu a Deus e aos santos Lourenço e Cibrão, que a orientaram em seu caminho. Em pouco tempo o bispo santo dom Fiel, de que falamos acima, com grandes companhias de anjos e de santos que o atendiam, foi-se para a glória do paraíso. Sepultaram-no junto ao corpo do glorioso são Paulo, que fora bispo antes dele, nessa igreja de Mérida, e que era seu tio, irmão de sua mãe.

3.1.1 Análise

A narrativa sublinha que o principal elemento definidor do conceito de salvação é o merecimento do Paraíso. O caso é bastante interessante, porque a morte física assume grande protagonismo, na forma dramática como é arquitetada e executada, a mando de Deus. Ainda nesse sentido, os executores dividem-se em santos e demônios, cada grupo com tarefas adequadas ao seu perfil moral.

Outro ponto complexo refere-se à capacidade que a oração assume para impedir que o mandado de Deus se cumpra! Afinal, os demônios não conseguiam entrar na cela, devido à força da oração e ao odor de santidade do bispo, mas eles estavam ali para fazer a vontade de Deus. Foram necessárias várias tentativas, até conseguirem cumprir a missão. Nota-se que a hora do bispo ainda não havia chegado. Este, por ter muitas pendências terrenas, não estava preparado para a Salvação. Precisava antes, além de mais orações, de perdoar dívidas e distribuir esmolas aos pobres. Somente após perdoar a última devedora, (que se valeu da intercessão de santos) é que o bispo Fiel se habilitou à salvação. Superado esse entrave, com a mulher obtendo o perdão das dívidas, pôde se completar, para dom Fiel, o seu ciclo de perdão e de arrependimento, que o conduziu, após a morte, à glória do paraíso, na companhia de anjos e de santos. Ou seja, os santos, apesar de serem enviados de Deus, não conheciam “o momento e a hora” da morte; só Ele!

O relato tem dois níveis: o onírico/visionário e o ‘real’. Entretanto, o primeiro tem efeitos palpáveis no segundo, uma vez que apesar de não ter sido fisicamente atingido pelas espadas dos demônios, o santo bispo começa a padecer no corpo o sofrimento que tinha sido anunciado na visão do monge.

Destacamos, na narrativa, o papel do homem religioso, que teve a visão da morte do bispo dom Fiel. Tinha o costume de “ouvir as horas”⁶⁰, ouviu tocar os sinos para as matinas, mas ainda não estava na hora, o que demonstra complexidade quanto às estratégias do relato, por anunciar o cerne da questão que se quer apresentar: a hora certa.

Em termos do cotidiano que se desprende da narrativa, destaca-se a rotina monástica, pela ação do monge visionário, mas também dos santos que aparecem na igreja. Outro aspecto importante é o papel concedido aos “sargentos do Inferno” que surgem como tropas a serviço do céu; reforça-se um modelo hierárquico. Também nesse sentido, a relação que é mostrada por meio da intervenção dos santos Lourenço e Cibrão no caso, cobrando fidelidade à mulher devedora, e a maneira como ela depois presta serviço às igrejas deles, varrendo o chão, configura o modelo feudal de serviço e benefício. A situação da mulher ilustra bem a pobreza que fazia as pessoas recorrerem a empréstimos, inclusive, junto à igreja, e o cuidado em transformar esses vínculos em instrumentos jurídicos, como as cartas partidas por A, B e C.

Por último, o relato informa que a fama do bispo, além de ser resultado de sua conduta, é reforçada pelo fato de ele ser descendente de uma linhagem já santificada, pois seu tio também tinha sido bispo de Mérida e morrido em halo de santidade. O corpo de dom Fiel (o nome também é significativo) será sepultado junto ao do tio, para reforçar o panteão da diocese e da família.

3.2 Per este Exemplo que vem adeante pode homem entender que per propoymento firme de fazer bem pode homem seer saluo.⁶¹

Um cavaleiro nobre e muito rico era homem de vanglória e de muita soberba. Não rezava a Deus, nem aos seus santos, somente à Virgem gloriosa Santa Maria e a são Miguel. Este homem perseguia aqueles que serviam a Deus, destruindo igrejas e mosteiros. Assim como o bom cresce de virtude em virtude, assim aquele diminuía em

⁶⁰ Liturgia das Horas, ou Ofício Divino: Matinas, Laudes, Terça (9 h), Sexta (12 h), Noa (15 h), Vésperas e Completas. Constituição *Sacrosanctum Concilium*, cap.IV. Compêndio do Vaticano II. *Op.cit.*

⁶¹ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.54r (Por este exemplo que vem adiante, pode o homem entender que pelo firme propósito de fazer o bem, pode o homem ser salvo.)

bondade, ao fazer maldades diariamente. Uma vez, pensando em seus maiores feitos, pelos quais Deus ainda não o tinha feito padecer, e espantado pelas obras que fizera, que eram tantas e tão más, começou a suspirar pela glória do paraíso. Pensou em fazer um mosteiro em uma grande propriedade que tinha, por ser adequada e muito apartada para o serviço de Deus. Foi ao lugar com alguns cavaleiros, mas sem lhes contar sobre o desejo que tinha. Examinou tudo, achou que era como pensara, ficou muito alegre e “disse em seu coração” que, se Deus quisesse cumprir o seu desejo, faria naquele lugar um maravilhoso mosteiro. “Contou em seu coração” o abade e os frades que ali viveriam, e fez voto a Deus de que também professaria como monge para servir a Deus e fazer emenda de seus pecados. Depois disto, retornou para casa, caiu enfermo gravemente e morreu. Seus parentes, amigos e conhecidos se desesperaram quanto à salvação dele, porque o viram sempre fazer más obras, sem arrependimento. Depois que a alma partiu do corpo, chegaram os “inimigos da linhagem de Adão” para a levarem para o Inferno. Em seguida, apareceu o anjo são Miguel, a quem o morto servira em vida, e disse que aquela alma não estava sob o poder dos demônios. Estes responderam que, se Deus é um juiz direito, a alma será deles, porque cumpriu as obras deles e nelas morreu. O anjo bom procurou se havia nele algum bem, e não achou senão o bom e firme propósito e o bom desejo de fazer um mosteiro e professar nele como monge. Então, o anjo vestiu o morto com a cogula e cobriu-lhe a cabeça com o capuz do hábito, dizendo aos espíritos maus que ali estava um monge de Jesus Cristo, o que eles não sabiam. Tomou-lhe a alma com grande alegria e foi-se com ela para o paraíso.

3.2.1 Análise

Os inimigos da linhagem de Adão (Satanás e seus servos) buscaram levar a alma, que entendiam que era deles, até por respeito às próprias leis de Deus. Usaram deste argumento com o anjo bom (são Miguel, de quem o homem era devoto), mas este não se convenceu. São Miguel buscou algum bem naquela vida, e assim encontrou, ainda que secreto, o bom propósito que o homem teve de construir o mosteiro e de acabar seus dias como monge. Esses bons propósitos foram suficientes para salvá-lo, levando-o ao paraíso.

Fica o entendimento, assim, de que o arrependimento dos pecados e os bons propósitos valem para a salvação, desde que realmente pensados e formulados, ainda que interiormente. Vê-se, no exemplo, que mesmo um homem mau, e de más obras, suspira e anseia pelas glórias do paraíso (a Salvação). Porém, somente após a morte se saberá o destino das almas; não adiantam conjecturas e julgamentos humanos. O destino do

homem, após a morte, pertence a Deus. No caso descrito, valeu para aquela alma, disputada pelo demônio, a devoção a São Miguel Arcanjo. Somente este pôde perscrutar o interior daquele homem e ver seus bons propósitos. Os emissários do Inferno só puderam julgar pelas obras temporais, demonstrando uma capacidade inferior à dos seres celestiais.

Esta narrativa faz referência apenas indireta à ordem eclesiástica. O exemplo se utiliza, não de pessoas consideradas comuns, mas trata de um cavaleiro nobre e rico, uma pessoa importante, ainda que cheio de vanglória e de soberba. As ações das ordens superiores tinham um peso maior que as das inferiores, fossem boas ou más. Esse cavaleiro chegava a perseguir os que serviam a Deus, destruindo igrejas e mosteiros. São pecados muito graves, numa realidade em que mosteiros, igrejas e santos eram muito valorizados e respeitados. Pela extensão de suas posses, tratava-se de um senhor feudal, que se fazia acompanhar publicamente de seus vassallos cavaleiros. A narrativa sugere ainda um jogo intenso entre o peso que a publicidade adquire para a sociedade cristã, por meio da essência e da aparência. Só Deus pode conhecer a essência ou, no caso do relato, São Miguel, como enviado do céu, mas também “senhor espiritual” do defunto, que reclama sua jurisdição sobre o vassallo. Ainda sobre o peso da aparência para o mundo terreno, o anjo faz questão de vestir o defunto com roupas monásticas, para que fique evidente o merecimento à salvação.

3.3 Aquisse segue huum exemplo que contavam os padres sanctos que eram no Egipto, antre ssi per que homem pode entender que enqual estado Deus achar o homem na ora da morte, ental o julgara.⁶²

Contavam os padres santos do Egito, que um rei fora muito mau com seu povo. Por viver em tantos pecados, de modo muito prolongado, entendeu de repente que os dias de sua vida “já eram poucos”. Chamou os superiores e conselheiros da corte e lhes disse que entendia que estava perto da morte, e pediu-lhes conselhos sobre o que deveria fazer, pois tinha consciência de que estava perdido. Eles responderam que para ser perdoado e alcançar a vida eterna teria que deixar o senhorio terreno e fazer-se monge, ao que ele atendeu prontamente. Ao fim de pouco tempo, adoeceu de uma febre contínua e morreu. Depois de sua morte, logo vieram os servos do Inferno e o assombraram fortemente,

⁶² Ms 01 OBR/BCE/UnB f.62v (Aqui se segue um exemplo que contavam os padres santos que eram do Egito, entre si, por que o homem pode entender que, em qual estado Deus achar o homem na hora da morte, em tal o julgará).

dizendo que queriam levar sua alma, porque sempre fizera a vontade deles, como vassalo. O anjo de Nosso Senhor apareceu e perguntou-lhes a razão de estarem ali, e eles responderam que iriam levar o rei, porque ele sempre fora deles. O anjo lhes disse que poderiam levar o rei deles, se o achassem, porque o defunto que estava ali era monge. Depois que os servos do Inferno ouviram isto, partiram chorando e uivando muito, pela alma daquele que fora rei e que perderam. E o anjo de Deus tomou a alma daquele monge, que antes fora rei, com grande prazer, e foi-se com ela para o paraíso.

3.3.1 Análise

Os pecadores, diante da proximidade da morte, pensam no destino eterno de suas almas. Foi este o caso do rei de que trata a narrativa. O exame de consciência mostrou-lhe que, pelas más obras, estaria perdido após a morte. Mas, como se arrependeu e teve o propósito de servir a Deus, como monge, pode se salvar. Pelo exemplo depreende-se que Deus quer a salvação de todas as almas, e, para tal, vale-se de seus anjos para livrá-las do Inferno.

Mais uma narrativa na qual os monges aparecem como encarnação da virtude na terra. O rei, apesar de sua importância política, está submetido ao juízo da divindade, como qualquer cristão, e somente a adoção do estilo de vida mais ascético o poderá salvar.

Também neste relato se observa a rapidez com que os demônios pretendem fazer valer seus direitos. Para eles, não há dúvida de que têm jurisdição sobre a alma. Mas a transformação ocorrida no comportamento do rei, e o seu arrependimento colocaram-no sob nova jurisdição, sem que os antigos senhores fossem avisados. Em termos jurídicos, na Idade Média essa situação poderia ser classificada como felonía do vassalo com relação ao senhor. Entretanto, aqui surge outra questão interessante que diz respeito à maneira sintética como o Arcanjo resolve o impasse jurídico, mostrando simplesmente que o vassalo dos demônios tinha desaparecido, era outra pessoa.

Por fim, observa-se que a tradição oral, vinda dos padres santos do Egito⁶³, é ora registrada por escrito, para a divulgação dos ideais e das ideias cristãs. O rei muito mau, senhor de homens, é referido na narrativa como vassalo de Satanás. Este rei, para a sorte

⁶³ Padres santos do Egito, são assim chamados os Padres do Deserto, eremitas dos primeiros séculos do cristianismo. Um exemplo desses homens santos é Santo Antão, considerado um dos fundadores do monasticismo cristão. HISTÓRIA de Santo Antão. Cruz Terra Santa. Santos e Ícones Católicos. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santo-antao/117/102/#> Acesso em: 7, nov, 2018.

de sua alma, tinha em sua corte bons conselheiros, que o orientaram a deixar o senhorio terreno e se fizesse monge.

3.4 Aquisse segue huum exemplo per que homen pode entender que o boom propoymento et firme pera seruir Deus ual muyto pera sse saluar homen⁶⁴

No Egito houve um frade muito humilde, melhor que muitos outros, mas tinha uma irmã que era pecadora pública, pela qual muitos perdiam suas almas. Os frades velhos, que viviam no deserto, diziam-lhe muitas vezes que castigasse a irmã para que ela deixasse o pecado. Mais por vergonha dos homens bons, do que por sua vontade, decidiu que o faria, mas um conhecido avisou a irmã do que iria acontecer. Quando ela viu o irmão, abraçou-o e ele lhe disse que era uma irmã muito amada, e que era tempo de ela perdoar a sua alma, por quem tantos pereciam, avisando-a dos tormentos que poderia sofrer, para sempre. A mulher, tremendo muito, pergunta ao irmão se ainda é possível se salvar. Ele responde que sim, porque a salvação, ou a perdição, depende da vontade. Ela, então, prostrou-se diante do irmão, pedindo-lhe que a levasse para o deserto. O irmão pediu que cobrisse a cabeça, que ela trazia descoberta para mais agradar aos homens, e depois viesse até ele. Ela assim o fez, abandonando as riquezas mundanas. Ao longo do caminho, o irmão pregava e a exortava à penitência. Mas, ao perceber que se aproximavam viajantes, o frade pediu à irmã que se afastasse dele, para não serem vistos juntos. Passado o perigo, quando a procurou para continuarem o caminho, ela estava morta, com os pés ensanguentados, porque andava descalça. Quando, depois, o frade contou aos padres santos o que acontecera com sua irmã, eles se dividiram quanto à salvação dela. Nosso Senhor mostrou a um daqueles padres santos que, porque ela não guardara nenhum bem temporal, e porque teve os pés chagados por espinhos, sofrendo tudo por amor de ir com seu irmão e de fazer penitência, sem mostrar tristeza e sem gemer, por isso, Deus aceitara a penitência. Por isso, estava salva.

3.4.1 Análise

Nesta narrativa se observa uma interessante discussão que se forma após a morte da pecadora pública arrependida, para saber se a alma dela se salvara, ou não. Os padres

⁶⁴ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.63r a 63v. (Aqui se segue um exemplo porque o homem pode entender que o bom e firme propósito para servir a Deus, vale muito para salvar o homem.)

santos divergiam: prevaleceria o pecado de sua vida, ou o arrependimento final e as penitências? Por inspiração divina, um dos padres esclareceu que pelo desprendimento na caminhada e a aceitação dos sofrimentos sem queixumes, que levaram a pecadora à morte, a salvação da alma era certa.

Ainda que no caso relatado chegassem a um consenso sobre o destino da alma, persiste a dúvida sobre o que prevaleceria na decisão sobre o destino de outras almas: o arrependimento, no final da vida, e as penitências, valeriam para a salvação de qualquer pessoa, mesmo nos casos das pecadoras públicas, que se mostram como exemplos de opção pelo pecado, para si e para outros? O relato reflete as discussões que ocorreram na Igreja sobre o juízo particular,⁶⁵ pois não havia entre os Padres unanimidade sobre o assunto⁶⁶.

Os atores são personagens do mundo eclesiástico e laico, mas com uma tensão/oposição clara entre ambos. Neste caso, a imagem é forte, pois trata-se de dois irmãos que, apesar de terem a mesma origem, seguem caminhos opostos: um é frade e a outra pecadora pública. O frade, na qualidade de irmão carnal, mas também espiritual, é obrigado por aqueles mais experientes e virtuosos – os mais velhos que vivem no deserto - a intervir na vida da irmã, para salvá-la. A mulher demonstra arrependimento, humildade e coragem para a conversão, para enfrentar a travessia do deserto, quando se prostra aos pés do irmão e roga que a leve. Portanto, apesar de pecadora, ela reconhece a condição de superioridade do irmão-frade e segue o conselho dele. Ao mesmo tempo, ela deve dar sinais externos de seu desejo de mudar de condição, cobrindo os cabelos, ou seja, escondendo aquilo que se considerava fonte de tentação feminina. A caminhada de expiação exige cuidados para preservar a condição virtuosa do monge aos olhos da sociedade. Ele não pode ser visto com uma pecadora e precisa escondê-la, ainda que isso custe a vida da irmã. Esta solução teve duplo efeito na narrativa: preservou a fama do monge e possibilitou a salvação da irmã, pelo martírio. Ainda com relação à valorização dos elementos da vida monástica, destaca-se a escolha do deserto como lugar de purificação, uma geografia de grande eficácia simbólica.

⁶⁵Juízo particular, o da hora da morte, quando fica decidido se a alma vai para o purgatório, para o céu ou para o inferno. Diferente do Juízo Final, quando serão julgados os vivos e os mortos. Catecismo da Igreja Católica (CEC), *op.cit.*, nº 1059.

⁶⁶ Padres, ou Pais, da Igreja são chamados os primeiros formuladores das doutrinas da Igreja Católica, como Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Clemente, dentre outros. ALTANER, B., STUIBER, A. *Patrologia. op.cit.*

3.5 Aquisse começam humas poucas de palavoas que ouuyo dizer san Valerio a san Donadeu pera fazelo certo do galardon dos boons et do galardon dos maaos que no outro mundo dam a cada huum deles.⁶⁷

São Valério conta, em uma carta que enviou a são Donadeu, uma história de seu tempo de rapaz. Como desejava muito servir a Deus, longe da terra em que nascera, foi para um mosteiro em que moravam muitos frades, onde ficou por muito tempo. Entre eles, havia um frade chamado Máximo, que era seu amigo muito especial, o qual servia muito bem e rezava diariamente o saltério, era recitado, de bom entendimento e muito conciliador. Mas o frade adoeceu e morreu. Antes que o enterrassem, sua alma voltou ao corpo e ele tornou a viver. Estando vivo e saudável, contou a são Valério, de forma organizada, as coisas que lhe aconteceram depois que morrera. Disse que, depois de morto, foi levado por um anjo claro, como luz, tão formoso, que ele, com todo o seu conhecimento, nunca saberia explicar, para um lugar muito prazeroso, que homem algum poderia achar, tal a luz e a beleza do lugar. Ali havia muitas ervas, de diversos tipos, muito cheirosas, e muitas pedras preciosas de diversas cores. Pelo meio daquele lugar corria uma água muito bonita, sobre uma areia branca como prata. Maravilhando-se dos prazeres que havia naquele lugar, que sua boca não podia dizer, nem seu coração pensar, o anjo, que ia diante dele, disse-lhe para beber daquela água. A água era de maravilhoso sabor, e o seu cheiro assemelhava-se a bálsamo. Depois que ele bebeu, o anjo perguntou-lhe se em sua terra tinha dessa água, ao que ele respondeu que, na terra de onde vinha, não havia nenhum bem. Levando-o por outros lugares muitos agradáveis, foram até um alto e o anjo perguntou-lhe se aquele lugar, de grandes deleites e prazer, lhe aprazia, e se ele queria morar ali. El contestou que sim, pois a terra de onde vinha era tediosa, sem bens, cheia de escândalos e perdição. Em seguida, o anjo mostrou-lhe um poço muito enfadonho (*sic*) e assustador, do qual ninguém podia ver o fundo. O anjo lhe disse para escutar e ver se podia ouvir ou ver alguma coisa. O frade deitou-se sobre o poço, para fazer como o anjo mandara, e dali exalava uma névoa muito escura, como um muro entre o lugar prazeroso por onde ele andara e o poço que via. Tentou ouvir o que diziam naquele poço, e não ouvia senão gemidos e choros, uivos e apertar de dentes. O mau cheiro que ascendia daquele poço, não havia ser humano que o pudesse aguentar. E ele, muito espantado das coisas que sentia naquele poço, pediu ao anjo que não o deixasse cair ali,

⁶⁷ Ms 01 OBR/BCE/UnB f.71r a 72r (Aqui se começa umas poucas palavras que ouviu dizer são Valério a são Donadeu, para fazê-lo certo da recompensa dos bons e da recompensa dos maus, que no outro mundo dão a cada um deles.)

e este disse-lhe que não temesse. Depois, levantou-se, temendo e tremendo, e o anjo lhe perguntou qual dos lugares mais lhe apeteceria, o primeiro que viu, de tantos prazeres, ou este Inferno que agora via e que lhe causava espanto. Respondeu-lhe que gostaria de viver com o anjo naquele lugar delicioso, para sempre. No Inferno há tanto mal que não consegue olhá-lo. O anjo lhe disse que voltasse então para casa, fizesse penitências pelos seus pecados, e boas obras, para que pudesse voltar e viver naquele lugar saboroso para todo o sempre. Mas, se fizer o contrário, viveria no poço para sempre. Depois de ouvir isto, prostrou-se aos pés do anjo, e rogou, por misericórdia, que não o enviasse para aquela terra má e tão tediosa, mas que o deixasse viver ali com ele. Disse-lhe, ainda, que não sabia o caminho para voltar à terra, mas o anjo mostrou-lhe um monte e um caminho, explicando-lhe que adiante encontraria três homens: um escrevendo, outro ditando, e o terceiro com um bastão na mão. Este lhe mostrará o caminho. Depois de ouvir isto, o frade não ousou contradizer as suas palavras, tomou rapidamente o caminho, até encontrar os três homens, e quando o do bastão lhe ensinou a direção a tomar, o frade abriu os olhos e viu os clérigos e toda a gente sobre ele, a ponto de enterrá-lo. São Valério dizia, naquela carta escrita por São Donadeu, que frei Máximo, que lhe contara sobre aqueles feitos, em pouco tempo sarou e viveu um pouco mais, fez grande penitência, e foi-se para aquele lugar de deleites e de grande prazer que o anjo mostrara.

3.5.1 Análise

A narrativa oferece um bom exemplo de um processo de legitimação do relato, recorrendo a vários personagens de santidade, com o intuito de autorizá-lo como verdadeiro. Valério conta a Donadeu aquilo que ouviu da boca do monge Máximo. Portanto, uma cadeia de autoridades inquestionáveis. O foco edificante tem como objetivo descrever o que o monge Máximo viu, no momento de sua quase morte, quando lhe foi mostrado, por um anjo, o que esperam as almas no além: o Inferno e o Paraíso. Estas realidades configuram-se como lugares descritos em detalhes, prazerosos ou tenebrosos, para a escolha do cristão. Alcançar a salvação, de acordo com esta narrativa, é escolher um lugar onde passar a vida eterna. Aqui não se fala apenas em ir para Nosso Senhor, ou ir para o Paraíso. São mostrados os dois lugares, com detalhes, para que não haja dúvidas na escolha. A narrativa se torna ainda mais impactante, e crível, por referir-se a descrições feitas por alguém digno de confiança, pessoa exemplar, o frade que esteve morto, e que viveu os fatos relatados.

A escolha sobre o caminho que leva à Salvação não compete à alma, mas ao corpo, enquanto vivo. Evidencia-se, ainda, o desespero das almas diante da realidade do Inferno contrastando com a alegria das almas que experimentam a realidade do Paraíso. Por fim, a ideia de que somente no tempo certo (a morte), se dará o julgamento particular das almas.⁶⁸

3.6 Retomando o conceito de salvação

A salvação, terceiro elemento do tripé pecado/morte/salvação, aparece nas narrativas como um conceito com várias facetas, a depender do contexto, tal como observado para os conceitos pecado e morte. Ressalta-se uma historicidade calcada em um processo de clericalização da vida social, com consequências claras sobre o que deveria ser o destino final dos seres humanos: a salvação.

O Magistério da Igreja Católica fala em Economia da Salvação, História da Salvação⁶⁹, Economia da Revelação, ao tratar desse mistério. O conceito de salvação explica-se a partir da ideia de uma humanidade que se encontrava perdida, afastada de Deus, após o pecado de Adão e Eva.⁷⁰ A salvação, para o cristão, é o resgate dessa humanidade, a sua redenção, o seu retorno ao Paraíso perdido. A encarnação de Jesus Cristo trouxe para o homem a vitória sobre a morte, e a esperança de uma vida eterna, sem sofrimentos. Para isso, segundo a Tradição⁷¹ cristã e as Escrituras Sagradas, é necessária a aceitação do sacrifício de Jesus Cristo, com sua morte e ressurreição. A liberdade que Deus deu ao homem, o livre-arbítrio, permite que ele rejeite essa libertação, optando por manter-se no pecado. Para estes, a salvação não se confirma, e o destino de suas almas será o Inferno. A visão escatológica cristã mostra essas realidades dicotômicas: Paraíso ou Inferno, salvação ou perdição.

⁶⁸ Observa-se a falta de referência ao Purgatório. Este assunto poderá ser verificado no Catecismo da Igreja Católica (CEC), *op.cit.*, n.ºs 1030 e 1031.

⁶⁹ O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé e a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na «hierarquia das verdades da fé». «Toda a história da salvação não é senão a história do caminho e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, Se revela, reconcilia consigo e Se une aos homens que se afastam do pecado». Catecismo da Igreja Católica (CEC), *op.cit.*, n.º 234.

⁷⁰ A história da criação do homem, a vida no Paraíso e a queda, podem ser encontradas na Bíblia, no Livro de Gênesis.

⁷¹ Para a Igreja Católica as Verdades de Fé estão sob a responsabilidade do Magistério, e estão incluídas na Sagrada Tradição e na Sagrada Escritura. Catecismo da Igreja Católica (CEC), *op.cit.*, n.º 84

Nos relatos apresentados, a salvação pode reduzir-se a uma escolha individual ou, até mesmo, exigir a montagem de cenários complicados, conquanto se realize como vontade divina. O caso mais extraordinário é, sem dúvida, aquele em que a salvação de um homem - que já era santo – requer uma série de atores, celestiais e infernais, para acontecer. Trata-se de sublinhar a ideia de que mesmo os mais santos podem necessitar de mais uma prova de merecimento, antes de serem salvos. Aos olhos de Deus, é sempre possível melhorar aquilo que já era bom, ou, visto de outro modo, os santos que vivem na terra têm fraquezas humanas que devem ser expiadas antes de serem salvos. Mas, contrastando com esse alto nível de exigência, também é possível ser salvo, por meio da intenção, ou por um exame de consciência, sem chegar a realizar obras compensatórias aos pecados. Porém, tal aparente laxismo depende da avaliação que as autoridades celestiais fazem de cada caso, no momento da morte. As disputas jurisdicionais que se estabelecem entre enviados do céu e do inferno em torno das almas revela também que o próprio conceito permitia discordâncias interpretativas, muito embora, ao final, prevalecesse a *interpretatio* do juiz supremo. Também na terra, o conceito não está fechado como se pode observar pelos questionamentos sobre o destino das almas. Será que o arrependimento no final da vida, as penitências, valeriam para a salvação de qualquer pessoa?

A seguir, apresentamos uma tabela que pretende sintetizar os casos analisados:

Narrativa 1	
O querer	[O santo homem] rogou a Deus por seus pecados, com muitas lágrimas e com muita devoção.
O realizado	Em pouco tempo o bispo santo dom Fiel, com grandes companhias de anjos e de santos que o atendiam, foi-se para a glória do paraíso
Narrativa 2	
O querer	Uma vez, pensando em seus maiores feitos e que Deus não o faria sofrer, espantado pelas obras que fizera e eram tão más e tantas, começou a suspirar pela glória do paraíso.
O realizado	Tomou-lhe a alma com grande alegria e foi-se com ela para o paraíso.
Narrativa 3	
O querer	Ele sabe que sempre fez muitas obras más, e imagina que, depois de morrer, estará perdido.
O realizado	E o anjo de Deus tomou a alma daquele monge, que antes fora rei, com grande prazer, e foi-se com ela para o paraíso.
Narrativa 4	
O querer	A mulher, tremendo muito, pergunta ao irmão se ainda é possível, para ela, se salvar. Ele responde que sim, se ela quiser, porque a salvação, ou a perdição, depende da vontade do homem enquanto vive.
O realizado	Por isso, estava salva.

Narrativa 5	
O querer	O anjo lhe disse que voltasse agora para casa, fizesse penitências pelos seus pecados, e que fizesse boas obras, para que pudesse voltar para ali e viver neste lugar saboroso para todo o sempre. E se fizer ao contrário, irão levá-lo para aquele poço e ali viverá para sempre.
O realizado	[Ele] viveu mais um pouco de tempo, fez penitência muito comprida, e foi-se para aquele lugar de deleites e de grande prazer que o anjo mostrou.

A tabela permite visualizar o nexos entre o querer (aspirar, desejar) o Paraíso (a vida eterna, a salvação), e o realizar-se, explicitado nas conclusões das narrativas, para cada caso relatado.

As narrativas confirmam o destino glorioso de todas as personagens, após o reconhecimento dos pecados, o arrependimento, as penitências e as boas obras. Na narrativa 1, o protagonista, dom Fiel, anseia pela Salvação e pede, primeiro, perdão pelos seus pecados. A certeza de seu perdão se dá pelo desfecho, sendo sua alma levada em companhia de anjos e de santos, para a glória do paraíso. As narrativas 2 e 3 podem ser vistas em conjunto. Elas mostram homens arrependidos de seus pecados e com o firme propósito de se redimirem. Isto foi o bastante para os desfechos, com anjos tomando-lhes a alma com alegria e levando-as ao paraíso.

No relato da narrativa 4 a personagem é uma mulher. Esta também pôde ser salva, após o arrependimento e as penitências. Destaca-se a fala do irmão, que lhe diz que a salvação ou a perdição dependem da vontade do homem em vida. A narrativa 5 apenas confirma os outros exemplos, com o processo de reconhecimento dos pecados, arrependimento, penitências e boas obras. Neste caso, o destaque é para o reforço das imagens do Paraíso e do Inferno.

Todas as mensagens são de esperança, com o Paraíso sendo alcançado por todos aqueles que por ele suspiraram. Mesmo nos relatos em que houve disputa pelas almas⁷², entre os servos de Satanás, os anjos maus, que as queriam levar para o Inferno, e os servos de Deus, os anjos bons, que lutaram para levá-las a Deus, o bem vence o mal, e todas as almas, nos casos relatados, são salvas.

⁷² Em referência à Soteriologia (Doutrina da Salvação) Santo Agostinho concebe a Redenção frequentemente no sentido de que Cristo, por sua morte, haja suprimido certo direito que satanás teria tido sobre nós, por causa do pecado de Adão. Ao atentar contra Cristo, o inocente, satanás ultrapassou seus “direitos” e os perdeu; Cristo “armou-lhe a cruz como um laço” e o prendeu. Diante desta linguagem popular de Agostinho importa notar que, para ele, os “direitos” do demônio sobre a humanidade decaída estão incluídos na “lei de justiça”, que o próprio Deus estabeleceu para si mesmo, por sua atitude em face do pecador. Em nenhuma parte das obras de Agostinho aparece o demônio como parceiro igual a Deus. ALTANER e STUIBER. *Patrologia. Op.cit.*

CONCLUSÃO

O ofício de historiador tem as suas limitações, mas, dentro do possível, assume a responsabilidade de dar respostas aos questionamentos propostos no início de uma pesquisa. Ao longo deste trabalho pretendemos realizar um exercício de interpretação de fontes primárias que tentasse destacar das narrativas selecionadas uma compreensão das estratégias utilizadas para configurar o conceito em torno a três aspectos importantes para o cristianismo e a sociedade medieval do século XIV na Península Ibérica: pecado, morte e salvação.

Ao se tratar de relatos de vidas de santos, a tipologia documental tem fortes características espirituais, como era de se esperar. Nas narrativas está explícito o espírito cristão medieval, que entende a presença de Deus como uma constante nas vidas dos homens e das mulheres, interferindo em suas ações. Os relatos têm pretensão de verdade e, como tal, devem ser dimensionados pelo historiador. Os autores e os destinatários das mensagens entendiam que milagres, sonhos, visões, avisos sobrenaturais, todos os eventos miraculosos faziam parte da realidade e se entrelaçavam ao cotidiano dos homens e mulheres, dando sentido à vida, e ressignificando situações concretas. Em termos estilísticos, as narrativas recorrem muito à repetição o que reforça e promove a familiarização do ouvinte com relação às lógicas e mensagens veiculadas. A repetição dos milagres, e seus padrões, atualizam os acontecimentos, nas narrativas do contexto do século XIV, não importando em que tempo realmente ocorreram, e em pleno acordo com o lugar e com as pessoas neles envolvidas, em geral figuras ligadas ao ambiente eclesiástico. Pensamos que era sobretudo a este público de clérigos que essas narrativas estavam destinadas. As personagens representativas do mal, cujas ações vão da desobediência à prática de crimes de morte, devem ser rejeitadas, muito embora os cristãos pecadores tenham a possibilidade de se corrigir e transformar.

As histórias contadas revelaram uma preocupação constante com o modo de viver em santidade, sem desviar-se do caminho proposto por Jesus Cristo, e com a expectativa esperançosa de sempre ser possível o retorno ao caminho direito, à conversão, mesmo que à custa de penitências difíceis e dolorosas. Assim, são elementos comuns, nas narrativas, para além dos pecados, os arrependimentos, as confissões, as penitências e as consequências, que vêm a ser a morte e a desejada salvação. Para o cristão, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e o pecado da desobediência afastou a criatura do

Criador. Pelo pecado, a morte passou a fazer parte da humanidade, estabelecendo uma forte conexão entre os dois conceitos: pecado e morte.

O julgamento definitivo somente ocorrerá após a morte, quando será revelado o destino das almas, ficando, porém, subentendido que a salvação ou a perdição dependem da vontade dos homens e mulheres, enquanto estão vivos. Por isso, embora se constate que quase todos parecem ter o objetivo de morrer em santidade, e que as narrativas confirmem o destino glorioso das personagens, isso somente ocorre após o reconhecimento dos pecados, o arrependimento, as penitências e a realização de boas obras. Ao final, as mensagens são de esperança, com o paraíso sendo alcançado por todos aqueles que por ele suspiraram. Mesmo nos casos em que se estabeleceu uma disputa pelas almas, entre os servos de Satanás e os de Deus, o bem vence o mal e todas as almas, objeto das disputas judiciais, se salvam.

A salvação, para o cristão, é o resgate da humanidade, a sua redenção, o seu retorno ao paraíso perdido. A encarnação de Jesus Cristo trouxe para o homem a vitória sobre a morte, e a esperança de uma vida eterna, sem sofrimentos, mas, para isso, segundo a Tradição cristã e as Sagradas Escrituras, é necessária a aceitação do sacrifício de Jesus Cristo, com sua morte e ressurreição. A liberdade que Deus deu aos homens e mulheres, o livre-arbítrio, permite, inclusive, a rejeição dessa liberdade e a opção pelo pecado. Porém, estes não serão salvos e seu destino é o inferno. A visão escatológica cristã é apresentada de forma dicotômica e real: paraíso ou inferno, salvação ou perdição.

Pecado, morte e salvação são conceituados nas narrativas por meio de lógicas terrestres, próprias da vida cotidiana. No conjunto dos relatos destaca-se a vida monástica, da qual se extraem vários aspectos de sua organização. Nos cenóbios, os monges dispunham de pequenas celas para se recolherem e a rotina combinava atividades espirituais de oração e canto a outras de tipo doméstico e agrícola. Entretanto, a vida terrena é associada ao plano celestial, dando a ambos os planos características de realidade. Isso se observa principalmente naqueles relatos cujos protagonistas são mais idosos e estão próximos da morte, por meio das visões que eles tiveram e que são detalhadas com o objetivo de reforçar valores para a boa conduta cristã. Os exemplos, atrelados ao cotidiano, são facilmente entendidos pelos destinatários das mensagens e os fatos relatados servem ao propósito de mais aproximar os homens a Deus, mostrando a necessária obediência, tanto na terra, aos senhores, quanto no céu, ao senhor dos senhores. O abade, superior dos monges, é como um “pai” para os demais membros da comunidade,

mas, na organização dos mosteiros, o seu papel era equivalente ao de senhor, com poder sobre os demais monges, seus vassallos.

As realidades do cotidiano, como a fome, a miséria, o abandono, os eventos naturais são tratadas como fonte de ensinamentos e servem para realçar o papel da Igreja, que se colocava como poder também no âmbito social, no auxílio aos pobres, cumprindo o papel de poder público. Vimos abades desempenhando esse papel, junto às comunidades, com autoridade legítima do ponto de vista terreno e espiritual.

As mulheres não são protagonistas dos relatos, embora apareçam com certa frequência. Registramos os casos de duas prostitutas, Tassis (Santa Taís) e a irmã do frade, e ainda participam de relatos uma viúva rica, Eusébia e, por último, a devedora do abade dom Fiel. Também é citada Santa Eulália, mas numa situação especial, um corpo dessexualizado, santificado. Os homens têm total predominância, como monges, abades, comerciantes, etc. Entretanto, o monasticismo feminino também era uma realidade de grandes proporções, principalmente na baixa Idade Média, e a fraca presença numérica das mulheres nos relatos, bem como sua atuação secundária e, frequentemente, desestabilizadora e pecaminosa, reforça as conclusões já bastante difundidas pela historiografia sobre os problemas que envolvem a história das mulheres.

Em dois casos se apresenta um cavaleiro e um rei, personagens socialmente importantes, mas pecadores. A mensagem pretende ressaltar que os poderosos sem Deus têm condutas más, pois a soberba os impede de reconhecer o bom caminho. O arrependimento – portanto, a humildade - é a chave que lhes permite serem salvos. Porém, o arrependimento é proporcionado como metodologia de salvação por um eclesiástico, mostrando que é a orientação e o exemplo que esse extrato social proporciona, que garantem o êxito. Portanto, em termos do conceito, trata-se de um elemento incontornável. Nesses relatos aborda-se também o aspecto da intenção como elemento jurídico importante que poderá ser contemplado pelo juiz à hora de sentenciar sobre a salvação, tornando o conceito mais elástico e sujeito às circunstâncias do réu. No caso do cavaleiro que, depois de morto, é vestido pelo Arcanjo com hábito monástico opera-se mesmo uma mudança de persona jurídica.

O relato sobre santos reconhecidos em vida, como são Panuço, são Simeão, são Nauto e santo Emiliano, são exemplos, inclusive, pela tipologia de suas mortes, caracterizadas por eventos milagrosos, como anjos que levam as almas cantando, odor agradável dos corpos e sua incorruptibilidade. A morte de um santo é descrita como um

acontecimento, ensejando a presença de grandes nomes da Igreja e da sociedade, como bispos e cavaleiros.

As narrativas mostram um paralelismo entre a justiça dos homens e a justiça de Deus. Deus também se vale de seus servos para executar as sentenças e mostrar os justos juízos para os homens. Utiliza-se dos préstimos tanto dos anjos bons como dos anjos maus. Estes últimos são eles próprios vassallos de Satanás que, por sua vez, é vassallo de Deus e obedece às suas ordens. Em um dos relatos são vistos santos que, sob mandado de Nosso Senhor, buscam os escolhidos para a salvação e, para isso, tramam suas mortes. Tais exemplos mostram o entrelaçamento entre as concepções da justiça terrena e celestial e a complexidade dos laços vassálicos que afeta os dois planos. Aquilo que hoje talvez pressuponha alguma perplexidade, uma vez que seria difícil compreender porquê Deus onipotente precisaria se valer de vassallos demoníacos para fazer o bem, para a lógica feudal é perfeitamente compreensível, pois é uma oportunidade para, por um lado, reforçar o modelo senhorial, e, por outro, mostrar a superioridade jurisdicional de Deus que pode, quando achar conveniente, recorrer ao serviço de vassallos demoníacos.

Concluimos que pecado, morte e salvação, tal como imaginamos no começo deste exercício de interpretação de narrativas de vidas de santos, configuram um tripé inseparável, quase uma unidade conceitual. Entretanto, há relatos que exploram mais as circunstâncias do pecado, da morte ou da salvação, permitindo-nos acompanhar as estratégias que os relatos utilizam para circunscrever cada um dos conceitos. Essas estratégias são bastante elásticas, mas quase sempre baseadas na própria diversidade de situações que a vida terrena oferecia e que serviam para explicar/traduzir também como se passava para o Além.

REFERÊNCIAS

1 FONTES PRIMÁRIAS

MANUSCRITO 01, Seção de Obras Raras, Biblioteca Central do Estudante, Universidade de Brasília.

MACHADO FILHO, A.V.L. *Um Flos Sanctorum Trecentista em Português*. Brasília: Editora UnB, 2009.

2 BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

AGUIAR, Clarice M. *Com a permissão de Deus*. O papel do diabo em narrativas de milagres (Península Ibérica, séculos XIII – XIV). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2017.
Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/24422>. Acesso em: 20 mai 2018.

ALTANER, B., STUIBER, A. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. Tradução: Monjas Beneditinas. 3ª.ed. – São Paulo: Paulus, 2004.

ARQUIVO Nacional da Torre do Tombo. *Mosteiro de são Bento da Vitória dos Portos*. Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1457735>. Acesso em: 21, mar, 2018.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. *Ave Maria*. Edição on-line. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/romanos/6/> Acesso em: 13, out, 2018.

BOLLAND, Jean. *Acta Sanctorum*. Disponível em: http://www.patristique.org/article.php3?id_article=132. Acesso em: 23, out, 2018.

BORN, A. Van der. (organizador). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 6ª.ed. – Petrópolis: Vozes, 2004.

BRAULIO DE ZARAGOZA. *Vida y milagros de San Millán*. Tradução de fray Toribio Minguella, cap. 26. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/braulio/braulio.htm>. Acesso em: 19, nov, 2018.

CATECISMO da Igreja Católica. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CÓDIGO de Direito Canônico. Conferência Episcopal Portuguesa - Lisboa. 4ª ed. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983.

Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf

COLLANTES, J. (organizador) *A Fé Católica: Documentos do Magistério da Igreja – Das origens aos nossos dias*. Tradução: Paulo Rodrigues. São Paulo: *Lumen Christi*, 2003.

COMPÊNDIO do Vaticano II. Constituições, decretos, declarações. *Sacrosanctum Concilium*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ECO, Umberto. *Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos*. Disponível em: <https://www.studocu.com/en/document/universidade-nova-de-lisboa/history-of-law/lecture-notes/idade-macdia-barbaros-crist-aos-e-mu-aulmanos-umberto-eco/2103246/view> Acesso em: 19 nov 2018.

FABER, Marcos. A Importância dos rios para as primeiras civilizações. História Livre. Agosto, 2011. Disponível em: <https://www.egipto.com.br/periodo-cheias-nilo/> https://www.historialivre.com/antiga/importancia_dos_rios.pdf Acesso em: 19, nov, 2018.

FABRIS, R. *Paulo, Apóstolo dos Gentios*. Tradução: Euclides M. Balancim. 3ª. ed. - São Paulo: Paulinas, 2003.

FRIGHETTO, R. *Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV*. Dimensões, Revista de História da Ufes. vol. 25, 2010, p. 114-130. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2546/2042> Acesso em: 17.11.2018

HAGIOGRAFIA. In: E-Dicionários de Termos Literários, 2009. Disponível em: <http://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/hagiografia/> Acesso em: 21, out, 2018.

HISTÓRIA da *Igreja de São Simeão*. Destinos Sagrados. Disponível em: <http://www.sacred-destinations.com/syria/st-simeon-church> Acesso em: 7, nov, 2018.

HISTÓRIA de *Santa Thais*. Cruz Terra Santa. Santos e Ícones Católicos. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-thais-/112/102/> Acesso em: 6, nov, 2018.

HISTÓRIA de *Santo Antão*. Cruz Terra Santa. Santos e Ícones Católicos. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santo-antao/117/102/#> Acesso em: 7, nov, 2018.

HISTÓRIA de *São Simeão*. Cruz Terra Santa. Santos e Ícones Católicos. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-simeao/336/102/#c> Acesso em 7, nov, 2018.

HISTORIA del Condado de Castilla. *Antecedentes, Hispania germanica (456-711)*. Revista Bardulia. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20080917234912/http://bardulia.webcindario.com/germanica.php> Acesso em: 16, nov, 2018.

LE GOFF, J. *As raízes medievais da Europa*. Tradução: Jaime A. Clasen. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MACHADO FILHO, A.V.L. *Pequeno vocabulário do português arcaico*. Brasília: Editora UnB; [Salvador]: Edufba, 2014.

MARIN, S. G. *Análisis de un Género Literario: Las vidas de santos en la antigüedad tardía*. Disponível em: <https://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/55604/1/978-84-7800-906-0.pdf> Acesso em: 21, out, 2018.

MORIN, G. *O ideal monástico e a vida cristã dos primeiros dias*. Tradução: D. Estêvão Bettencourt. 2ª ed. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2002.

MOSER, Fr. Antônio. *O Pecado: do descrédito ao aprofundamento*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROCHA, T.R.S. “Os diabos cômicos”: *As criaturas do mal na legenda áurea (século XIII)* Revista Aedos. Vol. 2, n.2, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9862/5718> Acesso em: 10, set, 2018.

SÃO BENTO. *Regra Monástica*. Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0480-0547_Benedictus_Nursinus_Regra_Monastica_PT.pdf Acesso em: 5, nov, 2018.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em: 2, out, 2018.

WOLKMER, A.C. *O Pensamento político medieval: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino*. Revista Crítica Jurídica, nº 19, 2001. Disponível em: <http://historico.juridicas.unam.mx/publica/librev/rev/critica/cont/19/teo/teo2.pdf>. Acesso em: 1, out, 2018.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Sonia Maria de Sousa Neto, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado, “ O PECADO, A MORTE E A SALVAÇÃO, EM VIDAS DE SANTOS (Península Ibérica, século XIV) ”, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 20 de novembro de 2018.

Sonia Maria de Sousa Neto

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Sonia Maria de Sousa Neto, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado, “ O PECADO, A MORTE E A SALVAÇÃO, EM VIDAS DE SANTOS (Península Ibérica, século XIV) ”, foi integralmente por mim redigido, e que assinali devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 20 de novembro de 2018.

Sonia Maria de Sousa Neto

Sonia Maria de Sousa Neto